

Joel Carlos de Souza Andrade

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE HUMANIDADES DA PRAI
Setor de Doc. e História Regional
CAMPINA GRANDE - PB.

**NAS TRILHAS DA VIDA E NOS ECOS DA ESPERANÇA: A LENDA DO REI
DOM SEBASTIÃO DE LENÇÓIS**

Monografia apresentada a banca formada pelos
professores do DGH: Luciano Mendonça de
Lima, Celso Gestermeier do Nascimento e
Auricélia Pereira Lope para obtenção do título
de Bacharel em História

Orientadora: Auricélia Pereira Lopes

Campina Grande - PB

2000



Biblioteca Setorial do CDSA. Dezembro de 2023.

Sumé - PB

À minha mãe Albertina e ao meu pai João
Viturino que nas suas simplicidades me
ensinaram que ainda é possível acreditar no ser
humano

AGRADECIMENTOS

Como é difícil através de umas simples palavras simbolizar aquilo que o nosso coração sente. Quem me dera ser um poeta para neste pequeno espaço mostrar a todos o mundo que cada um me ajudou a perceber. A cada um que nesta longa caminhada me deu palavras, gestos, oportunidades... Mas sei que não é preciso ser um poeta para falar com o coração, para agradecer a todos. Basta ser o que nós somos ou o que nos tornamos para mostrar que temos um pouco de cada um. Na realidade, o que somos tem pouco de nós e muito dos outros. Não conseguiremos viver bem conosco mesmo enquanto não entendermos isto;

E é a esses muitos outros que gostaria de agradecer. Primeiramente a Deus por sempre me dar uma luz e abrir um campo de possibilidades;

A minha família, que abriu os meus olhos para os valores mais humanos e sempre me deu estímulo para continuar superando os limites;

Aos professores do Departamento de História, cuja atenção a minha pessoa foi uma constante: Clarindo, Celso, Durval, Socorro, Luciano, Nilda e Alarcon. Cada um com sua singularidade sempre me deu apoio;

A minha orientadora Auricélia Lopes pela oportunidade de ao seu lado construir um conhecimento que vai além do já dado.

Ao professor Josemir Camilo por ter confiado os meus dois anos de pesquisa PIBIC que me valeram de grande experiência e que me possibilitou uma dedicação exclusiva à Universidade;

A Rômulo Barbosa, a Tácito Borrvalho, a Mariano Pinzon, a Daniel e ao Sr Manoel Goulart, todos do Maranhão e que possibilitaram a aquisição de documentos para elaboração desta monografia e do projeto de mestrado;

Aos inúmeros colegas e amigos do Curso de história: a minha turma 95.1 Vandeilton, Tatiana, Carlos, Ana Lúcia, Sérgio, Wellington, Gustavo, Cosme a inesquecível turma com quem compartilhei momentos maravilhosos;

Aos das turmas de monitoria, em especial: Aída, Fabiana, Eliseuda, Carla, Rodrigo, Viviane, Júnior, Alexandrino, Valdinar, Mara, Sebastião, Luciana e muitos outros não menos importantes;

E mais recentemente, a umas almas encantadoras com que tem estado muito presente no meu dia-a-dia: Kyara, Raquel, Aleksandra, Karinne (e Hélder) e Glayds;

Ao senhor Barreto, Dona Neide e família por terem me adotado como filho. Vocês todos estão todos aqui no lado esquerdo do meu peito;

E por fim, um agradecimento todo especial a uma pessoa que me encantou com as canções de Vinicius de Moraes e deu um outro significado a minha vida. A você Juciene muito obrigado por tudo.

INDICE

Apresentação	07
Introdução Geral.....	08
Capítulo I – Homens Singulares/Crentes que Esperam: “Os Filhos da Lua” e a espera do Rei Sebastião	18
1.1 Cenário: Nas Dunas do Rei Sebastião	18
1.2 A Comunidade: Nas Trilhas dos “Filhos da Lua”	23
1.3 A Lenda	35
Capítulo II – Em Espaços Sagrados do Rei Dom Sebastião.....	42
2.1 Histórias que se Contam	42
2.2 Entre as Pajelanças e os Terreiros: Um Rei que Ganha Vida	51
Conclusões	61
Bibliografia	62

APRESENTAÇÃO

Este trabalho trata da Lenda do Rei Dom Sebastião da Ilha de Lençóis no litoral norte do Maranhão e toda sua força mantida pela crença do seu povo na volta daquele soberano. Nosso trabalho faz uma viagem pela historiografia e tentar abordar o espaço dado a essa lenda e seus significados para aquela população.

Um mundo fantástico. Um mundo de sonhos. Um mundo de vidas simples. Mas este trabalho é fruto do deslocamento de uma experiência anterior que possibilitou um primeiro contato com o Rei Dom Sebastião.

Nem sempre é fácil escolher uma temática para ser objeto de uma pesquisa. isto é um desafio que todo historiador iniciante tem que enfrentar. Muitas vezes, em algumas disciplinas do Curso trabalhamos com varias temáticas, gostamos delas mas, vemos que não dá para leva-las adiante para um trabalho mais sério e profundo. Eu passei por esse dilema. Todavia, inesperadamente, numa das disciplinas mais marginalizadas do Curso de História chamada Civilização Ibérica, uma jovem professora modificou toda a estrutura da disciplina: criando novas possibilidades de se trabalhar com a história da península ibérica.

Entre essas novas possibilidades, no decorrer do curso tivemos a oportunidade de realizar um exercício interessante: fazer um entrecruzamento entre a história e a literatura através do trabalho: **"Loucuras de um homem, projetos de um herói: a construção do mito de Dom Sebastião"**. Depois de apresentada esta idéia na disciplina Elaboração de Monografia e as discussões que sempre acompanharam esta disciplina, nos foi sugerida pela colega Suênia a existência de uma comunidade no Maranhão que acreditava na volta do Rei Dom Sebastião. Tentamos caminhar pelas trilhas do rei. O resultado desse contato é o trabalho que vos apresento.

INTRODUÇÃO GERAL

O que leva turistas, folcloristas, antropólogos, etnólogos, sociólogos, jornalistas e agora um historiador a Lençóis? O que há de tão interessante neste pequeno território perdido no imenso oceano e circundado por várias outras ilhas? Por que Lençóis se tornou um 'corpo erotizado' por leituras várias? Respostas prontas nós não temos. Podemos apenas manter um diálogo com as diversas visões obtidas sobre aquele lugar. Mas não nos interessa o território físico e sim, o espiritual, a crença que durante um século rodeia aquela população e lhe dá sentido para acreditar numa outra vida. É isto que queremos discutir, fazendo uma maravilhosa viagem pelo mundo do encanto e do mistério, da luta entre o conhecido e o desconhecido e a esperança estampada no sofrido rosto de cada um que acredita na Lenda do Rei Dom Sebastião. Oh! Lençóis é chegada à tua hora!

Mas como é difícil trabalhar com crença, com lenda, com mito. Ronaldo Vainfas no prefácio do livro '**No Reino do Desejado**' de Jacqueline Hermann nos aponta que é um grande desafio para o historiador da cultura ter como objeto de investigação o mito. Pois, enquanto a história como disciplina precisa de uma delimitação do tempo e do espaço como procedimentos basilares da pesquisa, o mito e rebelde, espalha-se por vários espaços e navega por vários tempos. Sendo filtrado por diversas sociedades, ele é escrito e reescrito várias vezes, circula oralmente e multiplica-se indefinidamente as suas versões.¹

E é justamente a partir das várias visões e lugares que tentaremos abordar A Lenda do Rei Dom Sebastião da Ilha de Lençóis, Maranhão. Esse nosso objeto de pesquisa emergiu com uma dupla dificuldade e tivemos que superá-las para que obtivéssemos o resultado esperado. Uma dificuldade contra o espaço pois, o Maranhão e principalmente a Ilha de Lençóis encontra-se muito longe daqui da Paraíba e segundo, o problema do curto período que tínhamos para realizar a pesquisa e confeccionar o trabalho já que tínhamos mudado o objeto de investigação.

¹ VAINFAS, Ronaldo. No Reino do Desejado

Além de tudo com esta temática exige-se um pouco mais de cuidados ao se dialogar com as fontes. Por isso tentamos explorar o máximo possível as que estavam em nossas mãos, fazendo um exercício de reflexão e incorporação das leituras teóricas. Isto só foi possível devido as novas discussões que permeiam o conhecimento histórico. O historiador pode, sem deixar o seu lugar de historiador, trabalhar com um número vário de fontes e esse trabalho monográfico é fruto do diálogo com elas. Este perpassa as escolhas que fizemos, as nossas problemáticas e visões de mundo; nossa escolha não é nada inocente.

Trabalhar com a multiplicidade é uma possibilidade que se abre para a construção de nossa poética sobre a lenda de Dom Sebastião da Ilha de Lençóis. Entendemos que esta possibilidade de trabalhar com vidas, com crenças pode ser uma experiência muito enriquecedora para o historiador. Assim, na tentativa de perceber o significado da crença para a população de Lençóis e como ela é vivenciada, nós trabalhamos com os seguintes documentos.

Utilizamos os recursos da história oral através de vários depoimentos de moradores de Lençóis e de outras localidades do Maranhão tentando perceber como a memória constrói e dá vida a lenda. Entre esses depoimentos, temos o do historiador Manoel Goulart que com uma memória fabulosa nos falou de varios episódios ocorridos e relatados a ele sobre a Ilha e os seus mistérios; trabalhamos também com sons que ecoam os lamentos, sonhos e expectativas daquele povo. Como principais fontes tivemos 'Registros Sonoros do Maranhão', uma coletânea de músicas acompanhadas de depoimentos coletadas por Roberto Machado e Paulo Baiano numa expedição feita ao Maranhão em 1979 e que está para ser publicado em CD agora em 2000; do mesmo autor daquela coletânea; trabalhamos com as imagens do documentário 'A Lenda do Rei Sebastião', este trabalho explora algumas versões sobre a Lenda através de depoimentos; outro trabalho bastante útil foi o documentário sobre os 'Filhos da Lua' produzido pela TV Mirante-MA; além desses, trabalhamos também com a peça de teatro "Viva El Rei Dom Sebastião" do teatrólogo Tacito Borralho, este trabalho é fruto de uma pesquisa de 10 anos sobre o sebastianismo dos filhos da lua de Lençóis.

Entre essas escrituras várias sobre a lenda de Lençóis, dois trabalhos foram de fundamental importância: os textos do suplemento Vagalume, que reúne uma coletânea

de textos sobre a população, o seu cotidiano, suas dificuldades e miséria, seus sonhos etc., e o trabalho de dissertação na área de literatura de Tânia Lima, que embora sua abordagem não convirja com a nossa já que ela trabalha com uma análise estrutural morfológica, este trabalho nos possibilitou a exploração de mais informações sobre a temática.

É preciso relacionar todavia, as nossas escolhas com as abordagens teóricas. Abordar uma temática como a Lenda do Rei Sebastião, e a crença vivenciada pela população que acredita em sua volta, nos dias de hoje, passa necessariamente pela discussão sobre religião, por um saber que nos possibilite uma abordagem sobre o espaço sagrado. É preciso pois, mostrar que a religião é um lugar de interferência no mundo tanto quanto qualquer outra forma de intervenção. E o crer na Lenda e a espera do rei tem a sua conotação religiosa, não é uma espera passiva, ela é um lugar de luta e de reatualização cujos significados são tão válidos quanto o da política

A nossa idéia de religião recebe a influência de Rubem Alves em **'O Que é Religião'**. Para ele, 'os homens são inventores de mundo'. E é justamente este mundo marcado pelo religioso que tentaremos explorar na Lenda do Rei Dom Sebastião de Lençóis. Tentaremos perceber que a crença não é algo passivo. Não. No passado, tudo girava em torno do mundo religioso mas, o desenvolvimento da razão excluiu, ocultou, fragilizou o crer das pessoas. Naquela época, a própria conversa cotidiana, 'o tênue fio que sustenta visões de mundo' o legitimava, seja através de relatos de milagres, de aparições, de visões, de experiências místicas, de divinas ou de demoníacas, num universo encantado e maravilhoso no qual, por detrás de cada coisa e de cada evento, se escondia e se revelava um poder espiritual".

Toda religião por mais diferente que seja uma das outras, há algo que as marcam que é o esforço para pensar toda a realidade a partir da exigência de que a vida faça ganho sentido. No mundo sagrado, a experiência religiosa é parte integrante de cada um da mesma forma que o sexo, a cor da pele. Porque hoje, o confessar-se religioso equivale a confessar-se como habitante do mundo encantado e estranho.

A religião como ato de crença é algo muito sutil, e o lugar que as ciências humanas deram a estas experiências durante um bom tempo foi de negação. Mas como responder a questionamentos que o homem incansavelmente faz a si e aos outros? Respostas para o sentido da vida e da morte, para as angústias e as esperanças e outros problemas que foram mascarados no jargão psicanalítico/psicológico, na linguagem da sociologia, na política, na economia e na própria história.

É muito fácil identificar, isolar e estudar uma religião como comportamento exótico de grupos sociais restritos e distantes. Todavia, o importante é reconhecê-la como uma presença invisível, sutil, disfarçada e que constitui num dos fios com que se tece o acontecer do cotidiano de uma comunidade. Ela está bastante próxima da experiência pessoal de cada um.

Os homens são 'inventores de mundo': construíram altares, fizeram jardins, enterram seus mortos e os prepararam para viajar e, na sua ausência, entoaram lamentos pelos dias e pelas noites. Enquanto a tradição filosófica encara o homem como um ser racional, as produções culturais mostram que ele é mais que isso, é um ser de desejo, sintoma da privação e ausência e o que a sua cultura visa criar é exatamente o objeto desejado que alimenta os homens e que no fio tênue das falas os enuncia com o brilho da esperança e do protesto. É esperança de um dia a realidade se harmonize com o desejo. E enquanto esse desejo não se realiza, resta apenas a cada um cantá-lo, dizê-lo, celebrá-lo, anunciar-lhe... E assim, a realização da intenção da cultura se transfere então para a esfera dos símbolos.

Os símbolos se assemelham a horizontes. Como afirma Rubem Alves, são referenciais do nosso caminhar. Há sempre os horizontes da noite e os horizontes da madrugada... as esperanças do ato pelo qual os homens criaram a cultura, presentes no seu próprio fracasso, são horizontes que nos indicam direções. Assim não podemos entender cultura nos prendendo a seus triunfos técnicos/práticos pois, é do ponto onde ele fracassou que surge o símbolo, testemunha das coisas ainda ausentes, saudade de coisas que não nasceram. É de uma teia de símbolos, de uma rede de desejos, de uma confissão de espera que surge a religião.

A religião não é composta por itens extraordinários: pode ser um lugar, uma praia, uma ilha... mas também gestos, como os silêncios, os olhares, as rezas, as encantações, as canções, os milagres, as adorações. Todavia, nenhum fato, coisa ou gesto é encontrado já com as marcas do sagrado, ele não é algo já inerente às coisas. São os homens que lhes dão esse significado e é assim que se constrói uma religião. Não importam os fatos e as presenças que os sentidos podem agarrar mas, os objetos que a fantasia e a imaginação podem construir.

Michel De Certeau em '**A Invenção do Cotidiano**' discute também o lugar da crença e a importância de perceber como ela é vivenciada. A leitura de Certeau nos possibilita dar um lugar aos excluídos da história, aos mais fracos, a construção de uma poética da Lenda do Rei Sebastião. Mas, é preciso nos atentar para algumas questões. Nosso trabalho fala de crenças e fala dos 'Filhos da Lua' que a vivenciam. Mas o que seria crença? Como entender a presença do sebastianismo na Ilha de Lençóis? Estas questões como todas as questões históricas não têm respostas prontas, nem necessariamente têm um canal único de explicação. As respostas partem justamente das nossas relações com o objeto, da nossa leitura de documento e de nossas escolhas. É a parte das minhas recusas tanto quanto dos meus movimentos de aproximação com determinada teoria. Entendo por 'crença' não o objeto do crer (um dogma, por exemplo), mas o investimento das pessoas neste objeto, o ato de enunciá-la sentindo-a verdadeira. Ou seja, como chama a atenção Michel De Certeau, '*uma modalidade de afirmação e não o seu conteúdo*'.

A crença nessa perspectiva, é uma experiência viva, vibrante que não se deixa dizer por um conteúdo pronto, arrumado, dissecado pelo olhar do exterior. Este olhar que decodifica, mapeia, enumera, mas, não vive, nem experimenta o crível. É um olhar do exterior porque vem de alhures, de um outro território. A crença é investimento de vidas. É como diria Certeau uma capitalização de desejos pululantes, é uma poética. Neste sentido seu lugar nunca é imóvel, constante, o mesmo. E assim, o próprio lugar de sujeito do crente não pode ser dito, mapeada a partir de um arquivo simbólico já dado, decodificado pelo olhar do exterior que, autoritariamente pode explicá-lo a partir de uma camisa de força estrutural tal como a noção generalizadora e evasiva de crise.

O símbolo se edifica num campo de forças que, lhe possibilita condições de possibilidades, mas não o determina. Este 'campo de forças' se faz presente em Certeau, e da mesma forma, se constituindo como lugar de possibilidade de objetivação do símbolo, mas não em termos dominantes, absolutos. Para se contrapor ao absolutismo da realidade sobre a cultura, Certeau constrói o conceito de 'tráfico de crenças' onde mesmo numa realidade dada, as pessoas subvertem a ordem construindo micro-espacos de liberdade e de resistência que desautorizam silenciosamente a lógica, a ordem imposta. Neste sentido, ao trabalhar com símbolos culturais Certeau desloca o sentido de cultura como reflexo do real, ultrapassando a velha história da cultura que contava uma história linear, 'a-histórica e secundária da cultura para uma história cultural que repensa o próprio paradigma da cultura; entendendo-o como artefato histórico e não mais como efeito da realidade, mas como lugar de intervenção, de interferência e de edificação de realidades.

A crença não é algo inerte, passível de ser moldada, modulado pelo historiador é espaço-vida, é uma 'poética', uma fabricação. Portanto, intensidades, fluxos de desejos, de sonhos e paixões que não podem se resumir a idéias fechadas. Embora com conotação diferente, esta idéia de contraposição à crença como lugar do conformismo e da passividade é compartilhada por Maria Isaura de Pereira Queiroz em '**Messianismo no Brasil e no Mundo**'. Ela faz uma análise dos grupos messiânicos como grupos em ação que têm um determinado objetivo: o de instalar o paraíso na terra, em outras palavras, transformar o mundo em que vivem. O messianismo se afirma como uma força prática, e não como uma crença passiva e inerte de resignação e conformismo. Diante do espetáculo das injustiças, o dever do homem é trabalhar para saná-las, pois sua é a responsabilidade pelas condições do mundo. E, desde que a crença se ativa, dá então lugar ao movimento messiânico, que se destina a consertar aquilo que de errado existe no mundo. Estes objetivos que podem ser vários, políticos, sociais ou econômicos, mas que devem no entanto, ser religiosamente alcançados, isto é, através de rituais especiais que um enviado divino revela aos homens. Projeta-se assim um reino messiânico. Um reino futuro que deriva das insatisfações humanas diante das imperfeições do mundo, comparadas com a pureza de um modelo sobrenatural segundo o qual se deseja modificar o que de errado existe

Uma outra leitura imprescindível é de Delumeau. Ele ressignifica a idéia de milenarismo não o concebendo mais como o período de mil anos de catástrofes aqui na terra. ele é o período de felicidades, de esperanças. Também é importante perceber o lugar que nas releituras sebastianistas é dado ao Quinto Império. Ele será Portugal, mas, não na metrópole. Ele será no Brasil e especificamente no Maranhão. lá é o lugar propício. Não sabemos se há alguma ligação com a lenda em questão.

↪ Algumas leituras apontam em sua essência os fatores econômicos e políticos como os espaços criadores desta tradição (a milenarista), ou seja, é nos períodos em que a sociedade está passando uma determinada crise, seja política, seja econômica, que milhares de 'fanáticos' começam a projetar suas angústias num futuro melhor. segundo o historiador Severino Vicente da Silva, os movimentos milenaristas ou messiânicos representam a volta no presente de certas idéias julgadas superadas pela razão.

↪ Explicar a crença num futuro melhor a partir da idéia de crise é deixar de fora muitos outros componentes importantes, tais como os signos culturais, o imaginário dos sujeitos envolvidos, a singularidade das experiências culturais. nossa problemática passa pela efervescência, pela pluralidade das culturas da vida. Efervescência esta que o econômico não dá conta. Que lugar este modelo abstrato de explicação dá aos sonhos, a projeção de um futuro melhor? Para nós, a experiência do crer e do crível não são efeitos mecânicos de crises econômicas. Em nosso entender são lugares vivos onde rejeições à sociedade, recusas, medos, tristezas e também os sonhos e a esperança fabricam projetos de realidade, que não se resumem a um único lugar de explicação e, que portanto não se moldam em nenhum gesso. O milenarismo, ou qualquer outra categoria que se recorra para nomear estas experiências é uma esperança de recusa ao real e ao tempo de esperança do real sonhado.

↪ Nossas escolhas passam pelos seguintes questionamentos. por que considerar isto rotulando de 'utopia', de 'fanatismo', de 'ignorância' como em alguns momentos, compreende João Lúcio de Azevedo em '**A Evolução do Sebastianismo**' que desmerece as experiências sebastianistas do Brasil colônia e império taxando-as de experiências mal pensadas. Uma deturpação do sebastianismo português. Aquele que tinha sua ligação direta com os princípios da Nação. Na verdade não compartilhamos desse lugar. Ele é muito fácil. Ao nosso ver, é importante perceber que essas

experiências estão marcadas por sonhos e estes movem as pessoas, fazendo-as acreditar numa vida melhor, e este acreditar produz efeitos de interferência na realidade, produz efeitos de realidade.

Jean Delumeau **que** percebe isso. Sua discussão sobre o milenarismo, inclui o imaginário nas abordagens históricas. Ele se contrapõe ao modelo economicista ao reelaborar o próprio conceito de milenarismo: ele não é mais o lugar das catástrofes e crises mas, da esperança de mil anos de felicidade. Buscando trabalhar a tradição milenarista desde a antigüidade até a 'new age', Delumeau chama a atenção para o fato de que no processo de transição do mundo antigo para o mundo medieval, a experiência milenarista recua a partir dos escritos de censura de Santo Agostinho. Entretanto, a questão para este historiador é localizar a continuidade desta tradição, independentemente do marco de Santo Agostinho, para ele, as sibilinas cristãs do mundo medieval teriam permitido uma espécie de laço de continuidade entre o mundo antigo, o mundo medieval e o mundo moderno. Laço que teria se efetivado a partir de Joaquim de Fiori que por sua vez, teria se deslocado para Portugal e somando-se posteriormente às trovas do sapateiro Bandarra teria feito emergir no século XVI o milenarismo sebastianista português. Mas o que foi o sebastianismo português? um movimento que emergiu em Portugal de inícios do século XVII a partir de um lugar de confluência de várias experiências, tendo a seu favor toda uma tradição de expectativas sobre o rei Encoberto e a própria idéia de Quinto Império a partir das Trovas do sapateiro Bandarra (1530-1545), que vão influir na construção de uma mentalidade de espera. Com o desaparecimento do rei Dom Sebastião em Alcácer Quibir, em 1578. Este acontecimento junto com toda uma tradição milenarista, a cabala judaica, a influência dos jesuítas... vai dar espaço para as pessoas projetarem a volta do Rei Sebastião. Ele não morreu. Ele vive e ele voltará. Onde? Quando?

O que nos incomoda no trabalho de Delumeau é a sua insistência nos laços de continuidades entre as várias experiências milenaristas; buscando recuperar esta tradição desde os antigos até o século XX, a partir do paradigma da continuidade. Delumeau termina por não perceber os movimentos de ruptura, de deslocamentos desta tradição nos diferentes tempos históricos. Termina por desconsiderar que os diferentes agentes históricos em períodos e lugares diferentes não se reapropriam dessas ideias da

mesma forma, e que constróem novas maneiras de fazer, onde entram em jogo estratégias, táticas, interesses e arquivos simbólicos diferentes.

31
Neste sentido, o nosso estudo mesmo se propondo a pensar o sebastianismo português não tem como objetivo buscar apenas os laços de continuidades, mas, perceber os deslocamentos, os pontos de desencontro entre experiências que, embora tenham o mesmo referencial, Dom Sebastião, são específicas em termos de tempo, espaço, experimentos históricos e memória. É importante perceber estas singularidades da Lenda do Rei Sebastião de Lençóis, como foi possível essa crença sebastianista dos 'Filhos da Lua'. Quem são e por que assim são nomeados?

Acreditamos que o sebastianismo é um movimento plástico, móvel, e plural e refratário a explicações unívocas generalizadoras. Ele não é cristalizado mas, é reelaborado sempre e uma dessas reelaborações é o sebastianismo de Lençóis. Deslocado da metrópole portuguesa ele vai para além dos mares, dos oceanos num momento em que Portugal tenta alargar o mundo e com ele, o sebastianismo, que, para além da Península, mantém na colônia sua expansão simbólica.

Através de um diálogo entre as fontes documentais por nós obtidas e as leituras teóricas construímos os dois capítulos que compõem '**NAS TRILHAS DA VIDA E NOS ECOS DA ESPERANÇA: A LENDA DO REI DOM SEBASTIÃO DA ILHA DE LENÇÓIS**'. Nossa idéia ao fazer esta divisão, foi num primeiro momento situar o leitor sobre as singularidades que permeiam a Lenda do Rei Dom Sebastião e num segundo, perceber como a Lenda é atualizada e reatualizada pelos ^{que} acreditam na volta do Rei Dom Sebastião.

Assim, o primeiro capítulo intitulado: '**HOMENS SINGULARES/CRETES QUE ESPERAM: OS FILHOS DA LUA E A LENDA DO REI SEBASTIÃO**' tentaremos situar esta crença. Estrategicamente está dividido em três tópicos, este capítulo aborda temática mais gerais: o primeiro tópico, '**Cenário: Nas Dunas do Rei Sebastião**', objetiva trabalhar o cenário, ou seja, localizando o sebastianismo português e seu deslocamento para Lençóis e o que teria possibilitado esse deslocamento. Na realidade nossa proposta é abordar a singularidade da lenda e da ilha, as dunas e o mar. No segundo tópico '**A Comunidade: Nas Trilhas Dos Filhos da Lua**', traçamos

idéias que visem possibilitar ao leitor um pequeno contato com a população de Lençóis, os 'Filhos da Lua'. Como surgiram? como foram nomeados? Como vivem? Em que acreditam? Como é o seu cotidiano? No terceiro tópico '**A Lenda**', propusemos a realizar uma discussão sobre a Lenda do Rei Dom Sebastião tentando perceber seus movimentos de continuidades e rupturas em relação ao mito português e que significados ela ganhou em Lençóis.

O segundo capítulo, intitulado '**EM ESPAÇOS SAGRADOS DO REI**' tentaremos mostrar como a crença é vivenciada pela comunidade de Lençóis. Como através de lugares múltiplos ela ganha vida. Dividimo-lo em dois tópicos: o primeiro é '**Histórias Que Se Conta**' que tenta mostrar como as várias histórias que são contadas e passadas oralmente pela população de Lençóis e alhures propiciam uma constante atualização e reatualização à lenda. Como são essas várias histórias fantásticas que constroem aquele mundo mágico. No tópico a seguir, '**Entre As Pajelanças e Os Terreiros: Um Rei Que Ganha Vida**' tentaremos mostrar como o rei Dom Sebastião torna-se presente em Lençóis através de vários rituais como nos terreiros de pais-de-santo e nas pajelanças. Nestes rituais se realizam curas, se promove advertências, impulsiona vidas... Através destes rituais ele continua a aguçar a mente daquela população sofrida mas, que tem uma única esperança: um futuro melhor, onde todas as misérias deste mundo serão abolidas.

CAPÍTULO I: Homens singulares/crentes que esperam: ‘Os Filhos da Lua’ e a espera do Rei Sebastião

“Sperae! Cai no areal e na hora adversa
Que Deus concede aos seus
Para o intervalo em que esteja a alma
immersa
Em sonhos que são Deus.

Que importa o areal e a morte e a
desventura
Se com Deus me guardei?
É O que eu sonhei que eterno dura,
É Esse que regressarei.
(Fernando Pessoa – O Encoberto)

1.1 Cenário: Nas Dunas do Rei Sebastião

Portugal, 1578 O país vive uma situação dramática: abalado no cenário internacional, fragilizado internamente por lutas fâcciosas, ameaçado pelo poderio espanhol do qual havia se emancipado há quatro séculos atrás. Era preciso reunir forças e resgatar a grandiosidade portuguesa. Camões em ‘Os Lusíadas’ dá esse lugar ao rei e o invoca:

*“Vós, tenro e novo ramo florescente
De uma árvore, de Cristo mais amada
Que nenhuma nascida no Ocidente,
Cesaréa ou Cristianíssima chamada,
(Vêde-o no vosso escudo, que presente
Vos mostra a vitória já passada,
Na qual vos deu por armas e deixou
As que êle pera si na Cruz tomou)”
(OS Lusíadas, canto I-07, pp.93)*

Dom Sebastião vai sendo criado nessa expectativa. É o rei desejado

*“Ouvi: que não vereis com vãs façanhas,
Fantásticas, fingidas, mentirosas,
Louvar os vossos, como nas estranhas
Musas, de engrandecer-se desejosas
As verdadeiras vossas são tamanhas*

*Que excedem as sonhadas, as fabulosas,
Que excedem Rondamonte e o vão Rugeiro
E Orlando, inda que fora verdadeiro”
(Canto – I, 11)*

Dom Sebastião precisava de um projeto ousado. Como expandir a cristandade e os domínios portugueses se quase todo o mundo já havia sido descoberto e estava já dominado? Era preciso empreender uma luta, conquistar o território dos ‘infiéis’, os mouros do norte da África que até o século XV estavam dominando parte da Península. Foi em 4 de agosto de 1578, na batalha de Alcácer Quibir que o Rei Dom Sebastião jogou todos seus trunfos. Perdeu tudo e talvez mais do que possuía. Perdeu o exército. Perdeu o reino. Perdeu a vida? Desapareceu nas imensidões arenosas do Marrocos. Como ainda não se casara, desapareceu sem deixar herdeiros. Portugal estava novamente nas mãos de Castela e era preciso aguardar sessenta anos para retomar sua independência. Seu corpo jamais foi encontrado, ou se foi, recusaram acreditar na possibilidade de que ele tivesse morrido. Ele não podia morrer. Ele era a esperança de toda uma Nação. Assim, Dom Sebastião, o rei Desejado, passou a ser o Rei Encoberto invocado nas Trovas de Bandarra, cujo retorno libertaria todo o reino e traria a felicidade geral para o povo lusitano ²

Teria Dom Sebastião realmente ficado em Marrocos? Não. Ele tomou um rumo em direção ao Atlântico. Chegou aqui com os cristãos novos e com o Padre Antônio Vieira. Naquela época do Brasil colônia, acreditava-se que ali seria a ‘terra prometida’, o lugar do Quinto Império. Num período em que a Igreja tinha o controle sobre todas as ações dos homens, muitos não foram bem vistos quando acreditaram na volta do Rei. Quantos não foram aqueles pobres ou ricos que viveram toda a vida acreditando? Não sabemos. Sabemos apenas que passados quatro séculos, o Rei Dom Sebastião ainda é esperado, é reverenciado pois, ‘rei que é rei, nunca perde a majestade’.

Muitos esperaram por ele, durante anos e anos. Mas para onde teria ido? Dom Sebastião junto com alguns de seus auxiliares mais chegados tomando alguns navios, foram para terras longínquas mas, que eram domínios seus, vieram na direção da costa brasileira. Chegaram à Ilha de Lençóis, litoral norte do Maranhão, e lá sediou seu belo

² VAINFAS, Ronaldo. No Reino do Desejado, pp. 12

palácio, ali pertinho, no fundo, um palácio esplêndido de ouro e cristal, de esmeraldas e outras pedras preciosas... e se encantou.

Mas, Dom Sebastião não pára lá. Está sempre entre o seu palácio submerso e a nau guarnecida com as armas portuguesas e esplendorosamente iluminada, mas que nunca encontra a rota que o faça retornar a Portugal, cumpre o Rei Sebastião o fadário de seu encantamento. A 4 de agosto de cada ano, ele aparece em Lençóis, sempre à noite com sua reluzente e garbosa nau que vem lá aportar. O rei salta em seu cavalo branco, que tem seus arreios de ouro e de prata, para bem corresponder ao uniforme de gala de quem o monta, ataviado de espada, insígnias e outras condecorações. Depois de alguns galopes sob o intenso luar, nas imensidões arenosas de Lençóis, deixa as marcas de sua passagem por ali, e se oculta. Dá-se o fim da aparição do monarca e dos que o acompanham, encaminham-se todos para o fundo, para sua majestosa moradia

As aparições não cessam. Nas noites de São João, o fantasma do Rei retorna a praia, agora sob a forma de um rompente touro negro de cujas narinas saem chispas tão luminosas quanto o pentáculo que reluz em sua testa. Em desabalada correria pela praia, ele emite berros tremendos que assustam a todos, ao mesmo tempo em que, do palácio submerso, açafatas e damas de honor entoam pungentes melodias de devoção ao Rei. O Rei é o rei transformado em touro e o seu encantamento só terminará no dia em que alguém que testemunhe a sua aparição se revista da necessária coragem para fazer na sua testa estrelada, uma incisão de que jorre sangue e que mate o touro. Tem que ser alguém de alma limpa, carregada de bons sentimentos, que acredite nas transformações que poderão advir com a morte do touro

Nesse momento, o Rei Sebastião se desencantará, emergindo glorioso, das profundezas oceânicas com toda a pompa de sua corte; servido e honrado por gentis-homens, açafatas, arqueiros e damas de honor. O maremoto ocasionado por tal acontecimento fará submergir, na fúria das águas envoltas, a Ilha de São Luis do Maranhão.³

Assim é Lençóis, um lugar onde seus habitantes construíram um mundo e nesse mundo vivem, e nesse mundo acreditam. Ela, uma das pequenas ilhas perdidas no

imenso oceano, é a morada do rei encantado, do Dom Sebastião, o rei das crenças, o rei das vidas. Lençóis fica no arquipélago de Maiaú, município de Cururupu, litoral norte maranhense, apresentando uma singularidade com relação às outras ilhas daquele arquipélago: é o lugar onde dunas de areias se formam em seu território parecendo longos lençóis brancos que encantam de beleza a todos e onde há uma crença maior no invisível. É cenário do Paraíso, que mistura deserto, oásis e um povo diferente, não menos encantador.

Nas imensidões arenosas se encontram lagoas. Silvestre Fernandes nos dá uma descrição dessas lagoas da Ilha de Lençóis:

“A vegetação hidrófila começa a debruçar aquela maravilha, empresta-lhe novos retoques. A lagoa encantada infesta-se com toucados magníficos, num cenário de cores novas e suaves reflexos... Destaca-se uma planta do fundo do leito, onde se percebe um enramado caprichoso de rizóides que emergem na areia onde já se apresentam manchas descontínuas de sedimento humoso. Essa trama delicada movimentada em coleios e requebros fantásticos mal o zéfiro lhe oscula a superfície polida ... Os pescadores que lá residem afirmam ser lagoas encantadas, espelho das carunas, uma designação indígena de mão d'água.”⁴

E quando sobre as folhas veludas das ‘salvínas gotas de água’ faiscando aos raios do sol, persignam e benzem-se. São os brilhantes que vieram do fundo e se desmancham com a menor rajada. São carbúnculos que orlam as frentes dos poderosos senhores das águas: os cavaleiros andantes, os guerreiros e os príncipes. Eles mostram-se apenas para despertar a cobiça dos seres humanos, para criar expectativas, para mostrar que existem, como também, para seduzi-los e arrastá-los para os seus reinos e de lá não se volta o mesmo.

“Quando me encantei nas areias de Alcácer Quibir, quis buscar um areal igual, que se assemelhasse com o lugar onde eu desapareci ... Encontrei este aqui e por isso, debaixo dessas praias erigi meu novo reino”⁵

³ MORAIS, J. O Rei Touro e outras Lendas. SL. SIOGE. 1980, pp65-66.

⁴ FERNANDES, Silvestre. Vagalume. SIOGE. Pp 02

⁵ BORRALHO, Tácito. Viva El Rei Dom Sebastião. São Luís (mimeo.) Pp 27

Diz Dom Sebastião na peça ‘Viva El Rei Dom Sebastião!’ E um lugar cheio de belezas naturais, tais como as dunas de areia que encantam a todos que por lá passam. Segundo a antropóloga Edina Alencar que passou um longo tempo na ilha fazendo pesquisas para o seu trabalho sobre as mulheres pescadoras em Lençóis,

“Na primeira noite de luar que eu passei aqui, que andei nas dunas, eu entendi porque existe este misticismo tão forte dos Lençóis”⁶

Dos 15 quilômetros de praia, cerca de sete são ocupados pelas dunas de areia. A movimentação constante cria um clima de mistério. Impulsionadas por ventos que chegam até 70 Km/h, as dunas chegam a alturas de até 30 metros, elas se formam como se brotassem do fundo do mar, alterando a cada momento a paisagem da ilha, é um constante fazer e refazer: no local onde antes era uma água cristalina, surge os pequenos grãos de areia dissolvidos na água, já onde era vegetação rasteira, vira mar. Estes movimentos se dão como que “por encanto”, daí ser um forte componente para os seus habitantes acreditarem que aquela terra seria “a terra encantada”, a terra ideal para um ente majestoso, para a morada do Rei Dom Sebastião.

*“Oceano terrível! Mar imenso
de ondas procelosas
floridas rebentando em branca espuma
num pólo e noutra pólo!
Donde houveste, ó pélagos revoltos
Esse rugido teu?”*

O mar é historicamente conhecido como o lugar dos mistérios, o lugar do desconhecido, do medo, que impõe os limites entre o mundo dominado e o mundo a ser desbravado. É o lugar onde se escutam vozes, ruídos, onde se vê seres estranhos, que levam as vidas. Mas, o mar também é o lugar que dá a vida, que mantém a vida pois, a pesca para os moradores de Lençóis é o que os mantém vivos. É um presente divino e por isso, o mar merece todo respeito.

Assim, nas palavras de Santos, usadas por Tânia Lima (1999) em sua dissertação ‘Do Mito Sebastianista a Lenda de Dom Sebastião’, o isolamento da ilha e a

⁶ Depoimento no suplemento Vagalume - 1989

singularidade destas paisagens, das dunas que mudam de aspecto a cada momento, desdobrando-se em estendais muito brancos semelhantes a imensos lençóis e a imensidão do mar conferem uma imagem feérica e misteriosa onde tudo parece impregnar-se do maravilhoso, do fantástico.⁸

Estes milagres da natureza aguçam muito a imaginação popular: seja dos habitantes locais, seja dos contadores de história, seja dos pagés e pais-de-santo da vizinhança, principalmente de Cururupu e toda a Baixada Maranhense⁹. A ilha para estes se mostra como o lugar sagrado, o Paraíso, a ilha afortunada, o espaço que num futuro vai mudar tudo, todas as agonias e expectativas. É um universo onde o fraco vai ter vez num lugar onde emanará a esperança e a solidariedade e superar as forças desiguais que geram a sociedade.

A singularidade de Lençóis não se resume a beleza e encantos naturais. Lá habitam seres humanos, “estranhos”, que já chamaram a atenção deste mundo que os tenta enquadrar, desse mundo da razão onde tudo tem que ser explicado, medido e classificado. Mas, esses seres humanos “estranhos” mantêm poucos contatos com esse mundo exterior. Lençóis é uma das mais distantes ilhas do continente e seu acesso só se dá por vias marítimas ou aéreas. E talvez seja esse isolamento que tenha possibilitado a construção de um mundo diferente, que tenha contribuído para que até hoje a ilha seja preservada embora, como reclama um dos moradores, o problema da erosão esteja aumentando. Mas antes que a Ilha suma por completo, o povo que lá mora espera que Dom Sebastião se desencante, que lhes seja dado um lugar na corte... Lá é morada dos “Filhos da Lua”.

1.2 A comunidade: Nas Trilhas dos ‘Filhos da Lua’

Povos de ilhas desconhecidas aguçam a imaginação humana desde os tempos da antiguidade. É a luta para desvendar o desconhecido que sempre moveu a civilização Ocidental desde os gregos. Homero em sua descrição sobre os seres Cimérios e a população daquela ilha distante diz:

⁷ Lençóis: um paraíso perdido. Vagalume pp. 07

⁸ LIMA, Tânia. Do Mito Sebastianista à Lenda de Dom Sebastião do Maranhão (mimeo.) Pp. 25

⁹ FERNANDES, Silvestre. Vagalume. Pp. 02

*“O dia inteiro com vela enfiada, no mar navegamos;
E quando o sol se deitou e as estrelas a sombra cobria,
Eis-nos chegados ao termo do oceano de funda corrente.
Nessa paragem se encontra a cidade dos seres Cimerios,
Que se acham sempre envolvidos por nuvens e brumas espessas;
Nunca foi dado alcançá-los os raios do sol resplandecente,
Nem ao subir, ao vingar ele a estrela do céu estrelado,
Nem quando baixa de novo, na volta do céu para a terra.
Noite se estende sem pausa sobre esses miseros”¹⁰*

Lençóis, assim, uma ilha encantada. Espaço aberto entre dunas de areia e as águas do imenso oceano, lugares povoados de mistérios, que isola seu povo do mundo ordinário e ao mesmo tempo possibilita contatos, aproximações com o outro mundo, um mundo onde crenças ultrapassam os limites traçados pela razão e onde um rei encantado aciona esperanças inacabadas... e assim por sobre aquelas brancas dunas caminha aquele solitário soberano, há séculos já desaparecido, vai ao encontro dessa gente, uma gente de pele tão frágil que foge do sol, se isola do dia para se encontrar na noite numa entoada de lamentos e esperanças. E nela conversam e nela trabalham, e nela se amparam, buscando proteção. Eles tornaram-se “os filhos da lua” Uma gente que vive escondida atrás daquelas enormes montanhas de areia

Conta-se que os primeiros habitantes de Lençóis foram os índios. Eles teriam sido os primeiros desbravadores do lugar. Todavia, as informações sobre isso são muito escassas. Quanto aos descendentes diretos dos atuais habitantes, a partir de algumas falas temos ao menos uma idéia. Tudo teria começado quando dona Sebastiana Silva, descendente de mãe albina chegou na região por volta de 1900. Naquela época ninguém habitava Lençóis. Suas praias eram usadas apenas para a ‘salga’ dos peixes que eram pescados nas redondezas mas, ninguém ousava morar ali. Era uma ilha muito bonita, no entanto, as dificuldades para permanência eram muitas. Por sorte havia água doce em abundância e o mar próximo à Lençóis era um dos mais produtores de peixes do litoral maranhense. Isso seria o suficiente para manter o bem precioso, que é a vida, e criar naquele espaço exímios pescadores.

Dona Sebastiana foi com seu esposo. Lá ela teve ¹¹ quatro filhas normais e uma delas, chamada Basília, nasceu albina e casou-se com Saturnino Oliveira, seu primo

¹⁰ Trecho da Iliada usada por Silvestre Fernandes. In.: Suplemento Vagalume, SIOGE, 1989, pp. 02

Estava iniciada as futuras gerações de Lençóis. Dona Sebastiana estava ciente das dificuldades: a distância do mundo continental, a precariedade das coisas materiais mas, ela acreditava numa coisa: tudo poderia mudar desde que houvesse fé, desde que se acreditasse que um dia tudo aquilo ia ser diferente, que seus filhos não iriam sofrer mais, pois eles seriam privilegiados, os filhos do futuro. Da união de Basília com o senhor Saturnino Oliveira nasceram cinco mulheres: destas, quatro filhas eram normais e uma, albina. Uma outra filha de dona Sebastiana, que casara com um irmão de Saturnino, gerou também um albino¹². Daí por diante, teriam surgido vários e vários albinos na Ilha de Lençóis que seriam nomeados de “Filhos da Lua”.

Durante as nossas pesquisas tivemos uma preocupação em obter informações sobre a origem do termo ‘Filhos da Lua’. Como teria sido possível a divulgação dessa designação? Teria sido interna ou externa? Por sorte, encontramos fragmentos de uma entrevista do senhor Saturnino de Oliveira, falecido há uns cinco anos atrás. Ele, um dos mais antigos patriarcas de Lençóis, na sua fala se auto responsabiliza pela “invenção” do termo “Filhos da Lua”: foi uma estratégia de defesa contra os questionamentos que incomodavam pela tonalidade, pelo conteúdo, que leva o senhor Saturnino a dar uma resposta que serve de marco para a propagação da lenda alhures. Varias vezes ele já tinha sido questionado mas, não com tanta insistência como por um português que apareceu por ali. Diz o senhor Saturnino:

*“Essa história foi inventada por mim para me livrar de um português muito perguntador que apareceu por aqui, senhor. Ele vivia sempre olhando meus filhos, com tanta admiração que dava para desconfiar. Um dia ele tomou coragem e veio falar comigo. Disse que na sua terra havia muitos brancos e louros, mas ninguém tão branco como meus filhos”.*¹³

Seu Saturnino já não sabia o que dizer. Mas, depois lembrou de algumas histórias contadas por sua mãe e juntou com uma explicação sua, que foi suficiente para calar o português perguntador. O senhor Saturnino deu a seguinte resposta para o português:

¹¹ Digo ela teve porque em Lençóis dificilmente uma mulher tem todos os filhos de um mesmo homem

¹² SANTOS, Waldemar. Os Albinos da Ilha dos Lençóis.

¹³ SANTOS, Waldemar. Pp 148

“(...) quando as mulheres, nos primeiros meses de gravidez, saíam a passear nas noites de lua cheia pelas dunas, o clarão da lua transformava os meninos, dando-lhes à pele e aos cabelos a brancura de sua luz. Por isso eles nasciam assim.”

Essa idéia tinha muita força e por isso foi capaz de convencer o português. Adiante, confirma o senhor Saturnino:

“E não é que ele acreditou? Então passei a repetir a mesma estória para todo mundo que vinha me perguntar. Esse povo é muito burro, parece que não entende que isso é a vontade de Deus!”¹⁴

Não sabemos se foi mesmo o senhor Saturnino que criou esta denominação para os seus irmãos de Lençóis por que em outra versão como a citada pelo historiador Manoel Goulart em entrevista concedida a mim, eles não viam com bons olhos essa nomeação, essa nomeação vinha dos pescadores que trafegavam por Lençóis. Por outro lado, nós entendemos que essa auto nomeação pode ser justamente uma estratégia de defesa, quero dizer, ao invés de tentar dar uma explicação complicada, dá-se uma que evita questionamentos, que foge ao mundo dos homens, que se relaciona com o mundo de Deus. E deu certo. Nunca mais o português voltou a questionar o senhor Saturnino. Mas, uma coisa é certa, ele deve ter falado sobre o que ouvira por todas as localidades por onde passara.

Isso chama a atenção da ciência “Que ‘filhos da lua’ que nada”. É preciso explicar cientificamente este problema da ‘branquidão’ da população de Lençóis. A ciência se institui como campo de saber marcado pelo paradigma da explicação dos fenômenos e como espaço de saber. Nesse intuito de explicar cientificamente o problema da população albina de Lençóis foi organizada em 1972 uma expedição científica comandada pelo médico paranaense Newton Freire Maia e mais quatro médicos: um dermatologista, um oftalmologista, um cardiologista e um especialista em genética celular. Chegaram à Ilha na expectativa de curar os males que afligiam aquela comunidade. Depois de algumas pesquisas ali mesmo na Ilha, descobriram que Lençóis tinha um dos maiores índices de albinismo do mundo, 3% da população era albina, isso

¹⁴ Idem

era surpreendente, só comparável com uma comunidade na Colômbia. Constatado, a porcentagem de albinos entre a população, perceberam que em Lençóis, esse alto índice era devido aos matrimônios consanguíneos, entre primos. Estavam pois, diante de um albinismo hereditário. Entretanto, conclusões pararam por aí. Nem o problema dos albinos foi resolvido e nem mesmo o resultado das pesquisas foram revelados. O médico responsável, apenas confirma o que todos já sabiam: os albinos continuarão sofrendo dos mesmos males. A ciência não resolveu. Não apaziguou as angústias. O doutor Maia apontou que,

“(...) não há dúvida de que o problema dos “filhos da lua” era uma forma insólita de albinismo hereditário, associado a um espessamento da pele, que determina incríveis rugosidades e lesões, especialmente nas articulações do corpo, dando a impressão de envelhecimento precoce”¹⁵

Mas não bastaram as pesquisas em Lençóis. Cerca de oito habitantes foram levados de Lençóis junto com os médicos para serem tratados num hospital em São Luís. Era preciso ser algo muito importante para eles saírem de sua terra e irem para um lugar tão distante. Ao sair de Lençóis, os médicos diziam que não se preocupassem, seus problemas seriam resolvidos. O deslocamento se desdobra em esperança. É preciso acreditar nos homens que venham do mundo de fora. Mas esse mundo não os agradou, não foi eficaz. Seus problemas não foram resolvidos. Restaram apenas as queixas daqueles que foram submetidos aos longos e dolorosos exames no hospital de São Luís.

“Tiraram tanto sangue de Adelson e Miguel que até agora ainda sofrem de fraqueza. Mandaram depois uns óculos e nunca disseram por que fizeram aquilo com a gente, nem explicaram que doença a gente tinha. É claro que foram muito bons no hospital e não faltava nada. Mas foram desaparecendo aos poucos e ficamos lá em São Luís sem saber o que fazer. Por isso todo mundo é desconfiado com as pessoas que chegam de fora...”¹⁶

¹⁵ SANTOS, Waldemar. Vag. Pp. 06

¹⁶ Idem.

Segundo o historiador Manoel Goulart em depoimento prestado a mim, depois que eles voltaram se escondiam em suas casas de palha, se trancaram todos. Era proibido falar com estranhos. Ficava apenas uma pessoa da comunidade para receber quem viesse de fora e impedir que essa pessoa se adiantasse. Eles tinham se fechado para o mundo exterior, era um mundo em que promessas não eram cumpridas. Eles só quiseram brincar com a esperança deles, com os sentimentos deles. Assim, ao receber o estranho, a pessoa simplesmente repetia tudo aquilo que lhe era questionado. Voltavam todos decepcionados. Se a pessoa dissesse: '- Bate-Vento fica daquele lado?', ele respondia: '-Bate-Vento fica daquele lado'. Se perguntassem: '- Tem muito peixe aqui?', ele respondia: '- Tem muito peixe aqui.' Preferiram se ocultar no seu mundo, um mundo onde é o sagrado que tem força, que eles entendem, que aguça e dá força para continuar a viver, é nele que eles se refugiaram, única esperança de realização dos seus desejos.

Por isso, os albinos não se limitam a ver o albinismo como uma doença. Ele é um mal mas, não é um mal comum. Ele tem um forte significado simbólico. Ele faz parte de um privilégio que eles têm aqui na terra e que todas as dificuldades que eles enfrentam trarão frutos no futuro. Assim como na Bíblia, eles, os humilhados, serão os exaltados, os escolhidos. Aqueles que ocuparão um lugar importante no reino. Perguntada sobre o porquê de serem tão brancos, Dona Romana, 40 anos, cinco filhos, um de cada pai, afirma com toda a convicção: 'o albino é de descendência, é por dentro, é de sangue, a cor não tem nada a ver com isso não'. Para ela há algo a ser desvendado que vai além do simples conhecimento humano:

"Então esse é que é o mistério"¹

Assim, alguns entendem essa grande incidência de albinismo como um mistério, um mistério de outros mundos. E esse mistério para população é constantemente resignificado através de evidências múltiplas pois, eles são os chamados "filhos do dono", "os filhos da lua", "os filhos de Dom Sebastião". Questionada sobre quem dominava a Ilha, respondeu uma moradora de Lençóis a Sidney Pereira, reporter da TV Mirante:

¹ Depoimento de Dona Amada. Vagalume, 1989

- *De quem é essa ilha? Pergunta o repórter.*
- *Do Rei Sebastião. Responde a moradora.*
- *Você é filha dele?*
- *Eu sou. Eu nasci e criei aqui”.*¹⁸

Noutra entrevista temos uma senhora com aparência de sessenta anos, poderia ter menos, seu rosto mostrava uma pele muito branca e áspera, seus braços bastante rugosos... como a entrevista fora feita durante o dia, estava ela a por o antebraço sobre o rosto para impedir o encandecer solar. Embora ainda fosse manhã e o sol não estivesse muito nocivo, sua pele fragilizada não podia suportá-lo por muito tempo. Com os cabelos a caírem sobre os olhos, acompanhados dos sons que ecoam com o passar dos ventos vindos do mar em direção as dunas, ela fala ao repórter, acompanhando o mesmo movimento que leva os ventos em direção às dunas:

- *O mestre trabalha ali (apontando para além, para trás das dunas)*
- *Quem é o mestre? Pergunta o repórter.*
- *É ele. É o Rei Sebastião. Responde a senhora.*¹⁹

É o rei de todos eles. Quando os pescadores vão em direção à Ilha de Lençóis a noite, escutam ao longe pessoas cantando músicas estranhas na beira da praia. Essas pessoas são os filhos do dono da praia a quem pelo menos naquele território merecem todo respeito. Somente eles são ‘fogiós’²⁰ e embranquecidos. Eles nem olham para os pescadores direito. Não olham para cima, só olham para baixo, como se estivessem procurando alguma coisa, algo que estivesse oculto, e só eles soubessem o que era. São enxergam bem à noite. É nela que eles ficam à vontade. Eles vivem em Lençóis mas, estão em todo lugar pois, são os filhos do dono. E o dono é dono de todas as praias, de tudo que há no mar. Ele oferece grande quantidade e enormes tamanhos de peixes aos seus filhos e se alguém se atrever a enfrentá-los, morrerá afogado, pois, eles são os protegidos²¹. Eles podem ir a lugares que outros não ousam e se ousam ultrapassar os limites, não voltam, são tragados pelas criaturas do fundo, pelos encantados do rei. Às vezes, se escuta essas vozes, e entre elas, ecoa a voz do dono:

¹⁸ Os Filhos da Lua. Documentário da TV Mirante - MA

¹⁹ Idem.

²⁰ Palavra que designa pessoa de cabelos crespos louros, as vezes confundidos com os albinos

²¹ Vagalume pp. 12.

*“Eu venho vindo baralhando
no meu cavalo bonito
meu cavalo espalha brasa
trabalha nas ondas do mar”²²*

Vive Dom Sebastião nesta constante vigilância. Embora alguns não o vejam, outros, ao menos sentem a sua presença. Sempre trabalhando e controlando as ondas do mar. Ajudando aqueles que o evocam e castigando aqueles que brincam com o espaço sagrado.

Assim é comum ouvir alguém dizer: “Coitado! Era tão bonzinho! Mas... bem que lhe ralhei por causa daquelas coisas ruins que andou dizendo. O ‘tinhoso’ está sempre em toda parte, de tocaia esperando as pessoas cometerem algum deslize...” Falar aleatoriamente do dono da praia pode ser um perigo pois, ele pode não gostar e mandar algum de seus criados encantados castigar o infrator. O mar próximo da ilha é a morada do rei, por isso poderá ouvir de alguém numa simples frase mas, convicta de quem está falando com conhecimento: “já disse para calarem a boca, o que se vê no mar não se diz” Do mar não se questiona nada, apenas se acredita, se teme e se cala!

Embora só parte da população seja albina, esta comunidade ficou conhecida como a terra dos ‘Filhos da Lua’, mais um mistério dessa ilha encantada ou ilha de encantos. Este termo foi criado ora por eles como forma de defesa, ao preconceito, ao medo, ao descaso, ora pelos outros que o vêem como exóticos, diferentes, estranhos num mundo onde o diferente é excluído. Na realidade, o que percebemos é que os ‘Filhos da Lua’ lutam é pela vida, pela oportunidade de melhores dias. Como quaisquer outros seres, como afirma Silvestre Fernandes, eles são simplesmente,

“(...) seres simples humanos, demasiadamente humanos, teria dito Nietzsche que têm em comum e por razões várias o instinto de que a vida é precária e provisória e que só podem ver o mundo depois que o sol se põe.”²³

Os ‘Filhos da Lua’ são albinos, nasceram sem a melanina do corpo, a substância que dá resistência à pele contra os raios do sol. Nasceram tão brancos que se confundem

²² Peça Viva El Rei Dom Sebastião, pp. 12.

com as dunas de areia que cercam a ilha. Tem uma pele sutil, são frágeis ao sol. temem esse amigo de todos os outros homens e acreditam que foram concebidos pela lua realizando em nome dela um ritual que perpassa gerações, que é cada vez mais atualizado e reatualizado.

“E nas noites de luar mais intenso, quando a claridade deixava ver a última onda do mar, essa gente saía em longas caminhadas pelas praias do Maranhão em romarias, cantando hinos estranhos numa linguagem indecifrável”²⁴

Esta é a longa marcha dos ‘Filhos da Lua’, uma luta contra o tempo e contra a natureza. O caminhar em prece na busca de auxílio, de alívio para as dores cotidianas que afetam homens, mulheres e crianças. Os hinos que se cantam são hinos de evocação, de louvação àquele que pode lhes dar proteção. Estranhos para os de fora da comunidade mas, de grande significado para eles, são esses espaços que dão sentido a vida de cada um. Cantam sim, numa linguagem estranha só deles, porque só eles entendem o poder que esses cantos têm. E este é o mundo dos ‘Filhos da Lua’. E nesse mundo evitam o contato com o outro. Eles não morrem, desaparecem como que por encanto. Moram em tocas, evitando o sol escaldante de quase 40° C. Têm um envelhecimento precoce e isso causa medo, espanto, preconceito, isolamento. Mas a crença lhes sustenta, ela é o que dá sentido às suas existências.

Entretanto, de que forma poderíamos perceber que a crença na Lenda de Dom Sebastião como uma religião tem o poder de interferência no cotidiano das pessoas em Lençóis? Não pelo fato de Lençóis ser visto pelos ‘de fora’ como um paraíso, uma região muito propícia ao turismo ou como sendo uma região exótica pela existência de “seres estranhos”, os albinos que aguçam a curiosidade de muitos que lá vão. Não é apenas isso. É a miséria que assola a comunidade de Lençóis. É o isolamento e as dificuldades para se conseguir tudo. É o esquecimento por parte daqueles responsáveis pela administração. Assim, para o nativo de Lençóis tudo é provisório, tudo é precário.²⁵

²⁴ Vagalume Pp. 02

²¹ SANTOS, Waldemar. Pp. 14

²⁵ Vagalume, pp. 12.

A vida é breve, sutil e isto é refletido no cotidiano da comunidade. As casas modestas, simples, de madeiras sobre jiraus, não são feitas para durar devido ao movimento permanente das dunas que faz com que os moradores saiam constantemente de um lugar para outro. Mas isso não é empecilho para que não se viva a vida. Eles vivem. Gostam muito de beber vinho, fumar tabaco, gostam de comprar desodorantes, roupas vistosas. Também é uma comunidade que valoriza o sexo. Serve para perpetuação da espécie e cria laços das albinas com os parceiros pois, o parceiro de uma albina geralmente não é albino e este a deixa assim que aparecem os fortes sinais de envelhecimento precoce causados pela fragilidade da pele. Os rapazes têm parceiras antes dos 15 anos de idade. As moças não se casam, se amancebam. Por esse desenvolvimento cedo, alguns posicionamentos como o citado abaixo, apontam que os moradores de Lençóis vivem sem se preocupar com o futuro.

“Tem o habitante de Lençóis o instinto de que a vida para eles é breve e não alimentam sonhos para o futuro. Existe e aproveita o momento presente”²⁶

Esse pensamento pode nos causar certas dúvidas. Se eles têm uma crença num futuro melhor, como eles não podem alimentar sonhos para o futuro? Na realidade, o que se pode dizer é que a crença é uma esperança de que um dia eles possam viver sem se preocupar com o amanhã, principalmente com as mudanças pelas quais rapidamente passam seus corpos. Mudanças essas que são intensificadas pelas precárias condições de vida da população.

A população de Lençóis vive na miséria. Alguns resumem o problema da velhice precoce ao fato do albinismo, é ele que dá lógica a esse problema. Para nós, levar a sério essa teoria é desconhecer, é ocultar, é silenciar vários outros problemas que afligem aquela comunidade. Por isso há questionamentos contra a teoria exposta acima como podemos observar no argumento abaixo:

“A teoria de que os albinos em geral estão velhos aos vinte e cinco anos só por serem albinos é falsa. Maus tratos, necessidades de trabalharem durante o dia e se exporem por longo tempo aos raios do sol, a falta de instrução e de assistência,

²⁶ Idem, Pp. 06

*são os maiores responsáveis por esse envelhecimento precoce*²⁷

Ainda muito jovem, o habitante de Lençóis tem que trabalhar, é preciso para garantir o seu sustento e de sua família. Materialmente vivem de sua única riqueza: os mariscos que servem para a venda aos comerciantes de peixe que temporariamente para a ilha fazer esse tipo de transação e para alimentação da população local. O trabalho não escolhe hora, é de noite mas, também é de dia. E aí se expõem ao sol tendo como consequência vários problemas de saúde. Além disso, a alimentação precária acarreta nos maiores problemas pois,

*“apesar dos frutos do mar e do ar puro, as pessoas têm saúde precária, principalmente os albinos que sofrem terríveis dores de dentes, hemorragia das gengivas, escorbuto, além do agravante de terem a pele sem revestimento capilar em geral”*²⁸.

Este também é um problema muito sério como pudemos observar no documentário exibido pela TV Mirante-MA. Acreditar num fim dos males do mundo e acreditar que o câncer de pele vai deixar de existir. O alto índice de câncer de pele entre a população é fruto da ausência de melanina no corpo e sem esta substância que é responsável pela cor da pele, dos olhos e dos cabelos das pessoas eles ficam desprotegidos. Sofrem adultos. Sofrem as crianças: anemias, verminoses, escorbuto etc. A carência é grande, não há frutas, verduras e outros alimentos. Para estas, longe de tudo, encontram na pesca, desde cedo uma forma de se divertir e continuar vivendo.

Assim, o mar é o espaço-vida, sagrado, reverenciado pelos ‘Filhos da Lua’, pois é de lá que tiram seu sustento, é com ele que eles mantêm uma ligação de proximidade. É ele que dá o pescado e todas as outras riquezas.

*“todos nós aqui, homens e uma parte da mulher, também vive do pescado, pescam principalmente camarão”*²⁹

²⁷ Idem. Pp. 13

²⁸ Vagalume. Pp. 07

²⁹ Entrevista concedida a Alberico Carneiro e Jorge Nascimento

Isto não é percebido só por quem vai de fora. Os próprios moradores como os maiores prejudicados sabem disso. Segundo depoimento do senhor Macieira, albino, 56, morador de Lençóis:

“O povo aqui está maltratado é pelo passar mal. Eu mando trazer frutas e legumes da capital e ainda estou firme”³⁰

Mas o senhor Macieira é um dos poucos que têm condições de fazer isso. A maioria da população não. De qualquer forma, a sua vitalidade serve para demonstrar que:

“Contrariando as teorias científicas sobre os albinos que não detectaram como fundamental no envelhecimento precoce a fome orgânica, a miséria e a ignorância ou falta de instrução mas principalmente a necessidade que os obriga a desafiar o seu maior, mais cruel e impiedoso inimigo: o sol, o amigo de todos os outros humanos não albinos”³¹

Noite lugar do silêncio, do descanso, da dormida para os outros seres humanos, é em Lençóis um momento para a vida, um momento para o trabalho a vontade, para a diversão, para entrar em contato com as estrelas que brilham no céu e a lua cuja luminosidade ecoa sob suas peles esgazeadas. Tendo apenas cerca de 188 casas é uma população de aproximadamente 500 habitantes, Lençóis muda do dia para a noite. Se fôssemos tentar estabelecer o número de habitantes albinos durante o dia, constataríamos que aquela gente não existia em grande quantidade, que era ‘conversa de pescadores’ e de suas belas histórias. Durante o crepúsculo, vê-se apenas alguns sorratamente à distância, a princípio como se fosse uma rara visagem, esgueirando-se pelas cercas dos quintais, límpidos e amistosos, carentes e sempre prontos a conversar calorosamente, embora ainda tenham a desconfiança, que só acabará apos um terceiro ou quarto contato. Pois os albinos, têm medo do dia, medo do estranho, do desconhecido. Eles se vêem à noite. É na noite que eles se encontram, saem, passeiam, brincam, bebem... encontram-se em seu mundo.

³⁰ Idem.

³¹ Vagalume. Pp.07

1.3 A Lenda

*“Enquanto as rocas vão fiando
duas vozes tecem telas.
Enquanto se fia canto
Vão tecendo mãos donzelas:
Pela praia dos Lençóis
Das aduanadas areias
Divagam vagos renóis
Da corte que fantasmaia
À frente da estranha grei
-reinando sobre os espectros-
erra o espírito del rei
Dom Sebastião, vago cetro.”
(Stella Leonardos. In.: *Romanceiro de Bequimão*)*

Houve épocas de crenças. Todos eram educados para ver as coisas do mundo religioso, e a conversa cotidiana, esse tênue fio que sustenta visões de mundo era gerido pela religião³². Hoje não se tem mais crenças? Não se acredita mais no sobrenatural? Não é o que achamos quando ouvimos Dona Amada, uma das moradoras de Lençóis dizer: “Nessa ilha tem um mistério”. Mistério da ilha e do povo que criou a ‘Lenda do Rei Sebastião’. Multipla e continuamente reconstruída, esta crença no poder santo do Rei Encantado convive quotidianamente com os moradores de Lençóis. É na figura do rei que eles projetam suas angústias, seus temores, seus limites e suas esperanças.

Em que consiste a Lenda? A Lenda do Rei Sebastião consiste no fato de que Lençóis é uma ilha encantada e que tudo nela pertence ao “Dono”, ao rei Sebastião, o Encantado. Chegará um dia em que um homem corajoso o bastante enfrentará o touro e matando-o isto provocará o desencantamento da Ilha de Lençóis. Tentar perceber como essa idéia foi construída no decorrer da história e foi ganhando significado vários é uma de nossas questões. Não optamos por aquela idéia já ultrapassada que tenta desmerecer a experiência de crença de um dado povo taxando-a pejorativamente de ‘fanatismo’, ‘barbárie’ e ‘utopia’.

³² ALVES, Rubem. Pp.27

Discordamos da idéia de pensá-la apenas enquanto superstição pois, é preciso entender que não podemos hierarquizar as culturas, tendo a nossa ocidental, "racional", como a melhor. É preciso entender que os seres humanos de acordo com experiências várias criam espaços múltiplos de explicação para os seus mundos e isto é o que importa, é isto que dá inteligibilidade aos significados que eles têm do mundo.

Discordamos também daquela idéia de utopia como algo longe de ser realizável, que não parte de questões, problemas e experiências que os homens tem no mundo em que vivem. Desta forma, discordamos da idéia que opõe utopia e real como se entre ambos não houvesse uma relação como nessa leitura,

*"A utopia se opõe ao real e serve para mascará-lo. Em todo o caso, as crenças milenaristas e messiânicas só florescem em solo no qual a miséria e ou a desagregação cultural servem de adubo."*³³

O reino encantado de Dom Sebastião aparece em determinadas leituras como o reino utópico, como uma ilha afortunada. Mas não se resume a isso. A crença sebastianista e toda sua riqueza simbólica representa o sonho cotidiano de uma vida melhor vivenciado pela população de Lençóis e a tentativa de saída da situação de miséria que a aflige.

Esta reelaboração da tradição milenarista sebastianista no Maranhão é marcada por rupturas e permanências. No Maranhão tem-se algumas especificidades. Mantida pela tradição oral, a Lenda de Dom Sebastião tem sua primeira diferença quanto ao mito português ao se mudar do espaço de origem.³⁴ Nas palavras de Tânia Santos,

*"exigiu-se, assim, como condição para que a lenda existisse e permanecesse no seu meio, o estabelecimento de uma relação de pertinência com este, sofrendo portanto, uma readaptação local, pela incorporação de novos elementos, em sua maioria intrinsecamente ligados a cultura a ao espaço locais"*³⁵

³³ LIMA, Tânia. Pp25

³⁴ Idem. Pp .07

³⁵ Idem. Pp. 08

Esta inserção num contexto novo, o maranhense teria provocado um deslocamento do mito no espaço e no tempo e trazido conseqüências na cultura em que se inseriu, bem como na forma que se construiu. Desta forma, para ela existir, para ele ter vida no Maranhão foi necessário um ambiente propício, Lençóis era esse ambiente.

Sobre o deslocamento da crença em Dom Sebastião podemos observar o seguinte: Antes dessa crença sebastianista de Lençóis, o Brasil já foi palco de outras experiências. J. Lúcio de Azevedo em 'A Evolução do Sebastianismo' fala que aqui no Brasil Dom Sebastião é o Encantado e seu desencanto trará tesouros para todos aqueles que acreditam nele. Fazendo um contraste a partir das duas experiências sebastianistas ocorridas em Pernambuco no século XIX, a primeira da 'Pedra do Rodeador' e a segunda da Pedra do Reino, ele vai generalizar todas as outras possíveis experiências taxando-as de fanatismo e terror.

*"Nada tinham tais factos com a lenda do patriotismo português. A tradição, constante no povo, deformara-se ao contato da mestiçagem, mal integrada na civilização. Amalgamou-se com reminiscências dos contos de fadas, e o resto foi o recordar inconsciente dos ritos bárbaros dos antepassados, nos tempos em que ao sangue índio e africano se não mesclara ainda o do europeu"*³⁶

Esse lugar dado por Azevedo às experiências sebastianistas no Brasil parte de um modelo Ocidental de civilização que ainda era forte nas discussões historiográficas na metade deste século. Mas outras experiências foram desconsideradas, ou eram desconhecidas como a experiência de Lençóis. As ações não se processam mais em Alcácer Quibir, nem mesmo em Portugal, nem em Pernambuco mas, na Ilha de Lençóis no Maranhão, em suas praias. É lá que vive o Rei Sebastião, desejoso de se desencantar num espaço onde é forte a presença do maravilhoso.

Todavia, ao se analisar a experiência sebastianista de Lençóis, percebemos que é marcada por algumas permanências e rupturas em relação ao mito português. Entre as permanências no que se refere ao mito português temos a da figura do Dom Sebastião, o

³⁶ AZEVEDO, J. Lúcio. A Evolução do Sebastianismo. Pp. 116

majestoso rei e toda a sua corte e a esperança de que ele reapareça um dia para transformar as difíceis condições locais, 'disfóricas em eufóricas'.³⁷

Quanto às rupturas em relação ao mito português, aparecem a figura do touro, um traço da cultura maranhense e que é muito trabalhada nas épocas de carnaval e de São João e o uso da estrela como símbolo de realeza. É assim, uma lenda muito rica em símbolos culturais.

"A lenda de Dom Sebastião é sem dúvida, o que mais estranhamente penetrou na alma maranhense, inspirando cantadores de boi, compositores populares, poetas, romancistas e pintores (...) registra-se ainda, pela significação cultural de que se reveste, a importância atribuída a Dom Sebastião nos "terreiros" maranhenses e nos círculos de humba-meu-boi, que são comuns as toadas com referências ao Rei Sebastião e aos mistérios que envolvem a beleza e fascínio na aliciante figura"³⁸

Às vezes sob o luar, sai sua majestade a galope, convidando os longos e alvos estriões de areia, que ao mesmo tempo em que assinala sua aparição, assinala o desaparecimento do monarca e daqueles que o acompanham. Todos nesse momento se encaminham para o palácio submerso, suas moradias.

O folclorista J. Nascimento na idéia de preservar 'aquilo que é tipicamente regional, original', refuta qualquer possibilidade de ligação com o mito português. Para Moraes, 'nosso sebastianismo' é fruto do 'baixo-espiritismo', ele criou-se nos terreiros de mina e nas 'salas de pajés', alimentou-se da cachaça, incensou-se de diamba (maconha), encastelou-se na Ilha dos Lençóis, de onde domina todo o noroeste maranhense, embalado pelas ordes e iluminado pelo luar ...³⁹ Além disso, ela é reforçada pelo homem do mar. Ela é investida com a 'superstição' deste que lhe dar vida e desejos recalçados e as ardentes aspirações de um mundo melhor, de um mundo onde não existam injustiças.

³⁷ LIMA, Tânia. Pp. 09

³⁸ MORAES, Nascimento. Pp. 20

³⁹ LIMA, Tânia. Pp.27

Para outros como o folclorista Edmundo Dias (1989) o reino encantado de Dom Sebastião em Lençóis é uma mera criação da maconha. Ao nosso ver essa explicação puramente simplória, desmerece outras questões.

Segundo o pai-de-santo, Jorge Itacy, em depoimento ao documentário de Roberto Machado, a lenda do Rei Sebastião representa o anseio de liberdade, de viver e de se expressar de um povo através de uma divindade. No Maranhão, ele foi incorporado aos rituais do baixo-espiritismo através de três vertentes que se convergiram: a primeira foi o Rei Dom Sebastião de Portugal, o que desapareceu em batalha, sendo então um guerreiro; o Xapanã, divindade africana, que também teria morrido amarrado numa laranjeira como o santo, e por último o santo, o glorificado nas praias do Maranhão, o Sebastião de Lençóis.⁴⁰

Segundo Tânia Lima, ainda é carente uma análise que aprofunde as discussões sobre as alterações em relação ao mito português. De qualquer forma, na conclusão do capítulo de sua dissertação sobre a Lenda de dom Sebastião ela elenca algumas possibilidades. O surgimento da lenda na visão de Lima é de que ela é fruto da 'religiosidade' e 'superstição local', do 'baixo-espiritismo', do uso de 'alucinantes' e da 'beleza física' da região. Alguns elementos encontram-se idênticos, como é o caso da solidão das praias, da existência de um reino submerso e da destruição de São Luís. Alguns elementos são recontextualizados, como o reino da mãe-d'água, que passa a ser o reino de Dom Sebastião e o regresso do rei português após a derrota na África, e que agora passa a ser o retorno à vida na superfície, à vida terrestre, assegurado pelo desencantamento. Enquanto isso, outros elementos da crença sebastianista desaparecem no Estado do Maranhão como é o caso do caráter universal da soberania do rei português, do fundador do Quinto Império. Outros porém, são próprios apenas da Lenda de Dom Sebastião, tais como os sortilégios dos mouros, a metamorfose em touro, as aparições na praia e as visões do navio encantado.⁴¹

Segundo Tânia Lima a existência da Lenda no Maranhão deu-se pela adaptação. Como já foi dito, o evento histórico da morte/desaparecimento do rei teria sido trazido

⁴⁰ ITACY, Jorge. In Doc. Machado

⁴¹ LIMA, Tânia. Pp. 30

para o Brasil desde os tempos da colonização. Chegando o colonizador a essa terra imaginou que tinha chegado ao Paraíso, ao lugar desejado e junto com toda a riqueza dos componentes ficcionais locais construiu-se a lenda do Rei Dom Sebastião. Segundo Tânia, para que esta tivesse razão de existir no novo meio, tomou para si as marcas da geografia e do saber popular do lugar para aderir à vida e as belezas praianas. É este o principal espaço de realização da lenda, de singularização e reatualização da mesma.

Isto é trabalhado em algumas obras literárias e como a entendemos como fazendo parte de uma prática social que inclui valores e concepções de mundos tão válidos como qualquer outro saber que trabalhe com o conhecimento humano, utilizaremos algumas das referências de Tânia Lima em sua dissertação. São obras produzidas a partir da vivência com pessoas da comunidade e da própria experiência junto a eles pelos escritores. O livro Cais da Sagração é um exemplo. Nele, trabalha-se com pensamentos populares, de pessoas simples como os barqueiros e os pescadores, figuras sempre presentes naquele cenário. Dom Sebastião enquanto personagem histórico imobiliza-se no tempo em sua aparição de Rei e guerreiro, ao galopar pela praia em seu corcel branco.

Entre as obras analisadas por Tânia Lima em sua dissertação, temos 'Rosamonde', nesta, o touro representa a morte, apresentando o paradoxo entre o bem e o mal. A crença sebastianista apresenta continuidades dos elementos históricos, o desaparecimento e esperança do retorno e resgate de todos os males. Dom Sebastião em Lençóis representa os males que vem do mar.

Segundo Morais, um membro do IHGM⁴², a lenda é:

"uma abolição do real (...) que supre de sonhos e fantasias o viver humano, impossível e indispensável sem que a face concreta das coisas corresponda uma contraface mítica e ficcional", ou seja, como uma criação que busca harmonizar-se ao espírito popular, detentor de uma lógica própria."⁴³

⁴² Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão

⁴³ LIMA, Tânia. Pp. 36

Ainda segundo Moraes, o encantamento de Lençóis está ligado a um fato ou credence envoltos no maravilhoso e que se articulam com elementos do tema do sebastianismo em Portugal, com uma nova interpretação, também ‘supersticiosa’ e simbólica:

“Nas duas obras a Lenda torna-se mais verdadeira que a história, provoca sentimentos, comove as personagens, decide os destinos”⁴⁴

Em leituras como a de Pedro Braga (1986) em o “Sebastianismo no Maranhão”, a utilização do mito do touro na lenda de Dom Sebastião representa a sua força e permanência na história através da tradição oral, divulgado e vivenciado principalmente pela população do litoral norte do Estado. Braga em sua abordagem, dá atenção aos aspectos simbólicos da incorporação do touro na lenda, bem como a identidade de seus motivos com outras manifestações da cultura popular maranhense. Braga assim se propõe a utilizar o método histórico cultural como o próprio afirma ao abordar a temática simbólica do discurso mítico. A proposta é fazer uma análise dos motivos, temas, significados simbólicos no sistema de imagens da cultura popular que dão força a crença, que a mantém viva entre a população.

Para Braga, o mito de Dom Sebastião nasceu da poética coletiva, que possui seus significados e singularidades próprias à comunidade de Lençóis. Ele exprime as inquietações do homem diante do mundo em que vive, e das coisas que esperam desse mundo que os oprime e os sufoca, que os exclui e os teme. Por isso, conversar com aquela população não é fácil. Sobre as conversas que ele teve com a população, Braga diz que num primeiro momento é preciso que eles fiquem à vontade, ganhem confiança pois não é a qualquer um que se fala do sobrenatural. Passado esse momento, eles contam tudo com grande desenvoltura. Afirma Pedro Braga,

“Inicialmente com aquela prudência de quem fala de coisas sagradas, depois com a desenvoltura de quem conta um pouco da saga de vida acostumada com os perigos e os encantos do mar.”⁴⁵

⁴⁴ Idem, 37

⁴⁵ BRAGA, Pedro. Pp. 17

CAPÍTULO II: Em Espaços Sagrados do Rei Dom Sebastianismo

“Que voz vem dos sons das
ondas
Que não é a voz do mar?
É voz de alguém que nos fala
Mas que se escutamos, cala,
Por ter havido escutar...”
(Ilha Afortunada-Pessoa)

A Lenda do Rei Sebastião é constantemente atualizada e reatualizada pela população de Lençóis e pela população litorânea do norte do Maranhão. Há todo um investimento que faz com que essa crença ganhe vida, tenha um forte significado aguçando esperanças inacabadas. A lenda ganha vida a partir de várias histórias que dão inteligibilidade à crença, que criam um espaço propício às coisas do sagrado, histórias e visões de homens, mulheres e crianças que contam e recontam, passam de pai para filho e de lugar para lugar, fortalecendo a crença dos que viram e a dos que escutaram. São histórias de aparições de animais estranhos, de visões como o de um fogo grande que voa, de metais preciosos que são encontrados na praia e a própria aparição do Rei Sebastião. Um outro lugar onde essa crença ganha vida é na dança e na música. Os terreiros de mina e as pajelanças, dois rituais comuns no Maranhão marcados por um forte sincretismo religioso se apropriaram da figura mítica do Rei Sebastião incorporando-o aos seus cultos. Lá se conversa com o Rei, se tem um contato mais próximo, ele faz curas, ele é o santo que vem fazer o bem e pede para seus adeptos acreditarem que um dia o desencanto acabará e tudo melhorará. É preciso crer. Elegemos assim, algumas histórias de pescadores e de pessoas da comunidade.

2.1 Histórias que se conta :

Nos tempos antigos a história não existia enquanto saber institucionalizado, não tinha ainda toda aquela preocupação com a verdade. Naquela época, destacavam-se os contadores de história que eram responsáveis pela divulgação das mais estranhas e impressionantes histórias. A história era diversão e ser contador de história era símbolo de erudição, de inteligência. Com o tempo, esse personagem foi desaparecendo, ou

melhor, foi perdendo a importância. Mas, ainda existem alguns. Em Cururupu, município ao qual pertence a Ilha de Lençóis, conheci o senhor Manoel Goulart, um desses poucos contadores de histórias que senta à sua frente e passa horas e horas a narrar fatos, acontecimentos, de forma tal que aguça a nossa imaginação. Que nos leva a mundos estranhos, num entrecruzamento entre realidade e sonho. Lençóis é esse mundo, e sobre ele, o senhor Manoel Goulart nos contou várias histórias. Entre elas destacamos:

“Os pajés eles têm umas toadas, umas cantigas deles, que eles falam muito no rei Sebastião. Fala até numa filha, Princesa Flora, Princesa Rosa numa atitude de referência ao Rei Sebastião. Eu escrevi um livro, um livreto que tinha um trecho da Ilha do Piripipiu, e às seis horas da tarde, um cearense do Quixadá, de nome Joaquim Ribeiro e apelido Vaca Velha. Ele tinha uma rede feita de cururucum, mais grande.. Meu pai chamava aquilo de maquirá. Ele tava sentado, se balançando, que ele negociava. Quando tava na beira, ele viu uma nega. Ele disse: - Eu nunca nunca vi nega tão bonita, tinha o rosto bem-feito, bonito, afinado, olhos pretos, dente de ouro, não tinha dentes cariados e trajava um vestido cor-de-rosa. Ele olhou para ela e disse:

Quem é você?

Deofinda.

Você veio de onde?

- Lençóis. Moro com o rei Sebastião. Olha nós vivíamos aqui. Ele tinha uma morada de veraneio mas, depois o povo que foi chegando e começou a fazer certas coisas que não agradava então arrumou-se um meio que tudo que o cara faz não dá certo, ele acaba se aborrecendo e a gente vai embora prá Lençóis.⁴⁶

Segundo o senhor Manoel Goulart, esta aparição ocorreu por volta de 1950. Depois de alguns anos, o pescador Joaquim Ribeiro saiu daquela ilha devido a erosão que estava destruindo seu rancho e com o tempo, toda a ilha. Se foi um castigo não se sabe, sabe-se apenas que Lençóis é a morada do rei. É lá que ele tem vida. É o povo de Lençóis que lhe dá vida porque crer nele. Esta é uma entre as inúmeras que pudemos elencar e desta forma perceber como Lençóis é uma região propícia a estas histórias.

⁴⁶ Entrevista concedida a mim em sua residência em Cururupu-MA. Dia 06 de janeiro de 2000.

O senhor Manoel Goulart será o historiador que a partir desse momento nos contará alguns episódios concernentes aos fatos acontecidos e contados sobre a Ilha de Lençóis. Um grupo de estudantes, incluindo aí a sua sobrinha, fizeram uma excursão por aquela região, isto era um sonho de criança e que agora a partir da escola ia ser realizado. Primeiro eles foram conhecer a Ilha de Bate-Vento, a mais importante nas proximidades de Lençóis e finalmente chegaram à Lençóis. Ficaram maravilhados com a beleza do lugar logo à primeira vista. Desceram do barco, organizaram os acampamentos e depois foram caminhar pela praia. Entre as dunas, encontraram um grande lago com águas cristalinas e resolveram tomar banho nele.

“(...) e chegaram. caíram dentro d’água e começaram a se banhar. É uma das meninas, mergulhou e passou a mão lá no fundo quando veio à tona, veio a mão cheia de areia, ela abriu a mão e olha uma medalha, aquela coberta daquela crosta com aquele metal que nós chamamos de zinabre, ela pegou passou areia fina ia deixar mas, aí descobriu que tinha uma coroa numa face e na outra um cavaleiro.. Ela deu prá um rapaz que tinha bolso, a guardou em seu bolso, quando voltaram, ele enfiou a mão no bolso e ela não estava mais lá, segundo ele o bolso era bastante, não dava para sair de lá.”⁴⁷

Tinha desaparecido. Eles não sabiam que conchas, búzios, algas, tudo o que existe pelas praias da Ilha dos Lençóis são “jóias” do Rei, que a ninguém é permitido pegar e tirar daquele lugar. Caso alguém ouse, o rei pode não gostar. Isso é tão forte entre os que por lá vivem e conhece esses encantos que se alguém pegar uma “jóia”, quando for sair de lá, o mestre do barco recusa-se terminantemente a partir, até que seja devolvida à praia, sob pena de ter o seu barco afundado e junto com ele, toda a tripulação.

E por aquelas bandas conta-se uma história. Era um homem que tinha grande experiência em pescaria. Vivia disso desde que se formou rapagote. Sabia das histórias que o povo contava mas, nunca ele pessoalmente tinha visto algo estranho no mar. Certo dia, saiu para pescar só. Ao invés de ir pescar em alto mar, resolveu ficar nas

⁴⁷ Idem

proximidades da praia de Lençóis. Quando jogou a tarrafa e saltou para ver o que tinha pego, viu um índio e algo terrível aconteceu:

“Enfiou a tarrafa. Puxou ele e ele desapareceu; com o índio desapareceu, [foram para o fundo]”⁴⁸

Tinha um menino chamado Marcos que acompanhava sua mãe quando ela ia lavar as roupas. Como tinha nada para fazer, gostava de se separar da mãe e ficar brincando ao redor. Mas este fato aconteceu no período de inverno, quando os lagos costumemente enchem. Marcos sumiu e a mãe preocupada pois, temia que ele morresse afogado, começou chamar por ele, depois de chamá-lo várias vezes, ele respondeu:

“-Marcos? Vem cá! Falou a mãe. -Estou brincando com um bezerro, respondeu Marcos.- Mas que bezerro? Perguntara a mãe. Ele tentava mostrar pra ela, bem próximo dela mas, ela não via. Tempos depois, sentiu a falta dele novamente e sem perceber, ele estava montado num cavalo. Ele tentava mostrar pra ela e ela não via.”⁴⁹

Outra vez, mais de uma pessoa viu um moço ali perto das dunas montado num cavalo. Ele não era um cavaleiro comum. Percebia-se pelos gestos, pelo cavalgar do cavalo e pelo domínio do cavaleiro sob ele. Quem seria aquele estranho? O que estava a fazer ali em Lençóis? Será que era o Rei Dom Sebastião que estava diante daqueles simples mortais?

“Montado num cavalo. Ele tem um capacete brilhante, cheio de medalhas, a perna é brilhante, tudo amarelo... a cara do cavalo, Lá vai ele, cavalga mais um pouco e como num passe de mágica desaparece”⁵⁰

Conta-se outras histórias sobre o aparecimento do touro e o impacto que ele traz para aquele que o viu:

⁴⁸ Idem

⁴⁹ Idem

⁵⁰ Idem

“infeliz do pescador que o enfrentasse, pois no dia seguinte, mais um louco fitaria o espelho cristalino dos seus lagos. Conta um praiano que depois de uma longa vigília, sonhava com o touro negro investindo contra ele na morraria dos Lençóis. Espavorido corre como um louco até a choupana, frágil defesa para tão grande monstro demoníaco. Quando a aurora já vinha surgindo clara e alegre no horizonte, o caboclo, ainda mal refeito da embriagues, acorda e com aquela sinistra impressão onírica, chega ao cimo da duna próxima e, lá distante, o touro negro desce dos cômoros mais altos para desaparecer no mar, colhido por uma onda gigantesca.”⁵¹

E assim por diante, as histórias continuam no tempo e nas vidas de cada um. São imagens que marcam e fazem do conhecimento local de mundo. Se contam e se recontam e neste refazer constante se mantêm vivas, acessas em cada morador, em cada um que projeta seus sonhos a partir daquele mundo sagrado onde as impossibilidades do real não limitam o mover das pessoas, não as deixam estáticas. Pelo contrário, as movem, instituem condutas, possibilitam regras de convivência, de tolerância entre os dois mundos. Nestas histórias eles se encontram, se interrelacionam

Em Lençóis há espaço para aquilo que nossa sociedade pautada na ideia de razão chamaria de superstição, de loucura. Sim. Em Lençóis o inexplicável tem uma lógica, tudo é movido a partir da crença nos reinos do fundo. De acordo com o depoimento do senhor João Laertes de Rabelo Silva, ocorreu um fenômeno com ele e sua família próximo às morrarias. Seu João, como todo morador de Lençóis conta a história com grande eloquência.

- *“Já está com mais de dez anos (1978). Aconteceu seis horas da manhã. Eu, papai e uma garotinha minha irmã, que mora em São Luís. Fomos passar uma vaca prum outro campo, porque aqui falhava água no verão e a gente tinha que levar ela prá lá. Eu disse prá papai que não passava com o gado dentro do lago e ele disse que passava com o dele. Ai eu reparti o gado e passei na frente da cabeceira do lago. Dava mais ou menos uns trinta metros de comprimento e meio metro de fundura de água que tinha. Ai o morro foi rachando, foi quebrando, quebrando e a água foi aumentando; era*

⁵¹ Vagalume, pp. 02

touco, era muricizeiro, era arco de barril, tudo passava encostado dele e ele com a vaca aguentada na corda e a menina no braço. Eu disse prá ele: 'Pronto' Lençóis se acabou hoje.

- Fazia zoadá?

- Só o morro que ia rachando, fazendo aquela zoadá. Os toucos passavam que arrebatavam no fundo.

- É o que vinha do fundo?

- Era só água e os toucos. Agora, tinha aquele fedor de gasolina. Foi partindo os morros que tinha gente lavando nos poços e aí foi enchendo tudo.

- Dizem que naquele local tinha sido aldeia de índio?

- Eu vejo contar aqui que tinha sido aldeia de índio. Saía muita bacinha de barro. Tudo tinha ali. Aí a vaca ficou no fundo, só o chifre e o focinho, com o olho de fora e o corpo dela enterrado. A água não segurava ela, nem o capim. Agora, admiração é que quando nós chegamos a vaca está numa croa de areia. Lixutinha. Quando nós puxamos ela, foi desencravada com xáula (pá).

- E você falou que a água estava toldada?

- Estava.

- Isso demorou quantos minutos?

- Demorou mais ou menos uns trinta minutos.

- E tudo ficou como era antes?

- Em dia e meio secou tudo.

- Mas muitas pessoas foram ver o que aconteceu?

- Foram. O pessoal aqui todo. E ainda teve outras, de outros lugares, onde um rapaz de nome Bandeira cantou uma toada de bumba-meu-boi sobre o que aconteceu.

- Como é que você se sentiu naquele momento? Se sentiu apavorado? Como é que foi?

- Eu fiquei apavorado. O morro todo rachando e o garrote que rolava assim.

- E depois ficou tudo como era antes?

- Ficou. Eu não podia salvar meu pai nessa hora, porque tava muita correnteza da água doce."⁵²

Mas Dom Sebastião é homem de corpo e sangue em vibração. Conta-se algumas histórias de que ele aparece para dormir com as mulheres pescadoras nas noites de lua. Nestes momentos, Dom Sebastião, o sagrado, torna-se humano, se deixa contaminar pelos desejos humanos.

"muitas mulheres dizem que quando elas saem nas noites de lua cheia para pescaria e quando elas vão dormir, aparece um espírito e deita junto com elas. Aí

⁵² Vagalume, 1986, pp. 11

*elas dormem....e quando acordam estão todas cheias de sangue. Elas dizem que é o Rei Dom Sebastião que faz nela de noite.*⁵³

Segundo o pai-de-santo Jorge Itacy, todos esses acontecimentos estranhos que ocorrem em Lençóis são interferências da Lenda de Dom Sebastião que cria esse ambiente propício ao sagrado, ao sobrenatural. Um exemplo disso é o fato da construção do Porto de Itaquí. Conta-se que lá no fundo, no lugar onde o porto estava para ser construído situava-se o palácio da Princesa Ina. Para proteger a sua morada, conta-se que vários mergulhadores contratados para auxiliarem nos trabalhos de construção do porto foram feridos ou desapareceram misteriosamente. Acreditava-se que era a princesa Ina a responsável por isso foram chamados vários pais de santo para fazer um trabalho no local e só então a Princesa deu permissão para a construção do porto. Daquele dia para cá ninguém teve mais problemas. Só um pai ficou com a dor da perda de um filho que havia sido morto quando de um mergulho ao fundo.

*"Meu filho trabalhou um ano e meio. O corpo foi encontrado. No necrotério disseram que foi cantada pela Iemanjá Ina. Que eu não chorasse porque ele voltaria a casa. Não mais em corpo, mas como um espírito"*⁵⁴

Mas ao mesmo tempo percebemos uma preocupação desse senhor com a conservação deste ambiente. Esta praia é separada das outras mas, está havendo uma erosão muito forte e isto tem contribuído para uma mudança. A ilha tem perdido o encanto pois, já não tem havido aparições com tanta constância

Mas a lenda é forte. Estes múltiplos espaços ainda lhe dão vida. É ela continua envolvida do fantástico. De histórias inacreditáveis. Até que ponto estas histórias criam um ambiente propício à divulgação da Lenda do Rei Sebastião? Para alguns pensadores a lenda de Dom Sebastião é apenas uma superstição criada pelo espaço propício que é o maranhense, que isso faz parte dessa cultura, tendo os pescadores como os maiores divulgadores dessa lenda. Vivem nas redondezas de Lençóis a praticarem o seu pescado, vindo de longe, fazem isso de dia e de noite, e como o mar sempre foi o lugar propício

⁵³ Idem. 11

⁵⁴ Depoimento concedido pelo pai de um mergulhador a Roberto Machado no Documentário A Lenda do Rei Sebastião.

aos grandes mistérios do homem, da natureza, do desconhecido, eles sempre que contam relatos impressionantes. Contados de boca em boca, de pescador a pescador, de morador a morador, esses relatos servem para muitos como prova da existência do reino Encantado de Dom Sebastião.

Assim por essas pessoas a lenda do reino encantado de Dom Sebastião é constantemente reatualizada, tanto interna como externamente por moradores de Lençóis e das redondezas através de histórias que se contam e se acredita e que cria toda uma atmosfera de mistérios. Segundo Roberto Machado, cineasta brasileiro que realizara no final da década de 70, “A Lenda do Rei Sebastião”, um trabalho de pesquisa sobre a cultura maranhense, a lenda de Lençóis é uma narrativa única. Tendo como pano de fundo o popular, esta lenda é transmitida pela história oral. Afirma Machado no texto de lançamento do trabalho *A Lenda do Rei Sebastião – Registros Sonoros do Maranhão*

“A Lenda do Rei Sebastião é incessantemente reconstruída pelo povo do Maranhão, a partir dos mistérios da vida e do tempo, das vozes que vem dos universos paralelos, do brilho da magia e da fantasia”⁵⁵

A Dom Sebastião se faz promessas como o senhor Cecílio

“Esse carneiro eu fiz de promessa para o Rei Sebastião”⁵⁶

Segundo os moradores de Lençóis, o aumento populacional dos últimos anos tem feito a comunidade perder o encanto, quer dizer algumas aparições estão sumindo. Isto também foi escutado por Tácito Borrvalho diretor da peça *Viva El Rei Dom Sebastião* de que as mudanças que estavam ocorrendo na Ilha eram fruto do processo de modernização. Será que o rei está deixando Lençóis? Uma testemunha das antigas aparições é o senhor Cecílio, morador e comerciante da Ilha de Lençóis que fala de um fogo que ele havia visto,

“Parecia um fogo, parecia assim que metia medo com fogo... uma visão, assim um fogo no ar. E, esse fogo botava a gente prá correr. Eu vi, esse fogo eu vi. Até em Bate-Vento aparecia. O fogo

⁵⁵ MACHADO, Roberto. *Registros Sonoros do Maranhão*. 1999.

⁵⁶ Documentário *A Lenda do Rei Dom Sebastião*.

*vinha voando. Quando vinha voando começava a sair aquelas faíscas de fogo. A faísca... a gente ficava com medo de se assombrar e corria. Depois aparecia num outro lugar. Vinha de Bate-Vento, atravessava para Lençol e, no Lençol, ficava numa árvore grande chamada Árvore Grande. Isso eu cheguei a ver. Depois, de uns tempos para cá, a habitação cresceu, então, desapareceu o fogo e a morraria da árvore desapareceu também”*⁵⁷

Uma outra história é contada por Seu Saturnino, de família albina, um dos ‘Filhos da Lua’, que diz ter visto uma serpente

*“Eu vou contar da serpente, da cobra... Quando um sujeito queria tomar um banho a céu aberto, nas piscinas e nascentes cavadas nas dunas—quando chegava lá na cova do morro, que olhava tava aquele rolo grande. Esticava era uma serpente com uma cambada de chaves na boca. Ai, ficava com medo e vinha embora. Então, muitos diziam se o sujeito desse, que matasse ela, o Lençol desencantava e o Maranhão ia ao fundo”*⁵⁸

O senhor Alfredo, filho de seu Saturnino e pescador da Ilha nos fala da história que lhe sobre um toque de tambor. Era a sua mãe que contava muitas vezes desde que o mesmo era criança.

“Isto era das 5 às 6 horas da tarde. Ai quando ela (minha mãe) vinha aqui para apanhar aquela fruta chamada murici, que quando vinha de lá, que vinha aqui por riba da morraria é quando (ela) ouvia aquele batido do tambor. Mas era tão grande que se ouvia mesmo, muito mesmo, forte mesmo. Não sabia de onde vinha.”

Com uma certa pausa, o senhor Saturnino como quem fala das coisas sagradas diz:

“O tambor vinha do fundo, fica ai abaixo da Ilha (dos Lençóis)”

⁵⁷ Idem

⁵⁸ Vagalume, Pp 09.

Mas não só animais e objetos são vistos em Lençóis. O Rei Sebastião também

Dona Romana Silva, 40, albina. Questionada sobre o próprio nome, ela diz que não vai falar. Para que falar? 'Para só falar burrice?' Depois de uma longa conversa e de uma proposta de que ela vai ganhar uma garrafa de vinho ela resolve falar, embora ainda mostrando certa relutância. Dona Romana Silva, aceita fazer a gravação mas, não quer de maneira alguma ser fotografada.

“Entrevistador: Dona Romana me diga uma coisa: a senhora acha que existe o Rei Dom Sebastião? Diga a verdade, o que a senhora pensa?”

Dona Romana: Ai eu não dou conta do Rê (Ri)

Entrevistador: Ah! É? Não dá conta de Rê, não é? A senhora nunca viu, não? Hein?

Dona Romana: Não dou conta de Rê. Eu dou conta é de mim!

Neste momento, outra pessoa intervém na conversa.

A pessoa: Ele tem os olhos azuis... Um menino de olhos azuis...

Entrevistador: Como é? O filho dele ou ele?

A pessoa: O filho dele.

Entrevistador: Do Rei Dom Sebastião? Como é que a senhora sabe?

Dona Romana: Porque minha mãe me disse.

Entrevistador: Ah! Sua mãe disse... Como é o nome de sua mãe?

A pessoa: Raimunda Matos.

(Dona Romana intervém):

Dona Romana: Prá mim contar besteira, não dá...

(Entrevistador voltando a falar com Dona Raimunda Matos):

Entrevistador: Ela viu o Rei Sebastião? Ele é alto e o que mais? Louro?

Dona Romana: Ele é louro. E trabalha com um garotinho que o conduz.

Entrevistador: Mas ele não é albino?

(Diversas vozes):

Uma vez viram ele passar num cavalo.”

Dona Romana hesita em falar algo sobre o sagrado. O homem ante o sagrado e imperfeito e pode cometer erros, não saber escolher as palavras adequadas. Mas, com perseverança ela fala. Neste depoimento percebemos como a permanência da lenda passa pela história oral que é contada de pais para filhos.

2.2 Entre as pajelanças e os terreiros: Um Rei que ganha vida

É noite. Crianças brincam de rodas num canto da praia. Noutro, um 'trabalho' é realizado. Muitas pessoas vestidas de branco. No tambor, a mãe-de-santo do local e uma albina, uma filha da lua, filha do dono da praia e “carrega” o próprio Dom Sebastião. A

mãe de Santo canta a doutrina do “chefe da casa” que é a musica que representa o início de uma cerimônia do baixo-espiritismo:

*“Dona da casa
Seu terreiro alumiou
Dona da casa
Seu terreiro alumiou
Viva o terreiro
em que meu boi chegou,
Viva o terreiro
Em que meu boi chegou.”*

e um outro pai-de-santo sustenta a doutrina da mãe-de-santo e se manifesta. Ô, ô, ô fala ela em tom de evocação. Fica imóvel e aí ocorre a corporação de Rei Sebastião que fala para os que estão presentes na sala. E fala dos seus projetos e como ele tem estado presente na comunidade, em todos os momentos, esperando apenas que alguém o livre do cativo no qual ele está fadado

*“Não tenha medo! Então, não cumprir sua palavra. O senhor deixou de fazer um mestimável benefício para um cristão e de conseguir também aquilo que o senhor e sua gente tanto aspiram: uma vida melhor. Nem todos me vêem, mas tenho feito para que todos me livrem desta prisão onde, apesar de ser rei, vivo como escravo”.*⁸⁹

A escolha de Lençóis não foi aleatória. Ele queria estar próximo do povo de Deus. É esse povo que vai lhe salvar. Enquanto isso não acontece, ele demonstrando para esse povo seus poderes, suas dádivas, dando uma idéia do que ocorrera se houver o desencantamento, que além de acabar com seu sofrimento, ajudara a muitos

“escolhi este lugar porque era mais transitado por cristãos, na esperança concretizar minha aspiração (O pai-de-santo rodopia, o tambor esquenta. A mãe-de-santo para, o coro continua) É mais... Que eu possa estar dentro de vós. Em sonhos transformei, ansiosamente verdes, as águas arquejantes deste mar... E a ilha ensolarada dos Lençóis, no rubro coração de todos vós. Que fazer? Arquejo e a minha dor agita no mar e tenta alcançar os céus. E me transformo em vagas e saio só... Acompanham-me neste passeio

⁸⁹ Viva El Rei Dom Sebastião. Pp 37

diário, minha mulher e minha filha. Cada um de nos, uma vaga. E confundidos com outras vagas, cavalgamos o mar..."

Lençóis foi o lugar ideal para Dom Sebastião implantar sua morada. Temporária é verdade mas, que trouxe mudanças marcantes para sua vida. Se ele não construiu família quando de sua vida terrena, constituiu-a quando de sua vida espiritual.

"quando me encantei nas areias de Alcácer Quibir, quis buscar um areal igual. E debaixo destas praias erigi o meu novo reino. O palácio que aqui está, é maior e mais esplendor que o de Queluz. Tu mesmo viste. Aqui me casei e tive uma filha... Mas sei que o meu povo daqui e de além-mar ainda espera minha volta para reinar sobre eles. Eu, minha mulher e minha filha..

Depois destas falas, o pai-de-santo questiona sobre sua graça:

"eu sou o Príncipe Encantado da Liberdade! Eu sou o Rei, D. Sebastião"⁶⁰

É nestes rituais que se cantam doutrinas para o Sebastião entre as principais esta esta na voz da Dona Amada, uma albina moradora de Lençóis e mãe-de-santo

*"Rei, é Rei, Rei Sebastião
Rei, é Rei, é Rei Sebastião
Quem desencantar Lençóis
Põe abaixo o Maranhão."⁶¹*

E entre este mundo da superfície e o do fundo do mar, está o rei Sebastião a transitar. A manter contatos, a marcar sua presença. Presenças que lhe dão vida e faz com que a população o respeitem muito. Mãe Dudu, uma outra mãe-de-santo fala de sua vinda:

"Vem. Vem incorporado pela casa, na dançante, quando ele vem. Mas muito respeito com ele, porque ele é um senhor muto, muito digno"⁶²

⁶⁰ Idem

⁶¹ Vagalume. Pp. 12

⁶² Documentário de Roberto Machado.

E é Dona Amada que nos fala do seu encontro com o Rei Sebastião

“Mas ele eu olhei todinho. Se não fosse a cachorra, ele tinha me levado de corpo e alma. Ele tava a pé, ele mais os dois filhinhos nus, todos os dois, e ele também nu, mas com aquela tanga aqui na frente. A barba bem por aqui, já estava pintando, a barba dele. Eu olhei tudinho. Ele já está velhão, mesmo trigueiro. Ele não é branco não, ele é moreno. Agora vêm só as doutrinas dele. A doutrina dele tem um bocado, são doutrinas bonitas”⁶³

E Dona Amada quando canta faz a alma da gente tremer. Sentada na porta de sua modesta casa de palha, acompanhada de vários netos ao fundo da casa. Ela canta, fecha os olhos e se inspira. Bela voz. Voz de quem canta com a alma. Voz de quem da vida a crença. Ao lado uma garotinha escuta a avó cantar. Quietinha, ela olha para o chão, para o fundo em sinal de respeito, em reverência a Ele.

São várias as doutrinas cantadas em homenagem ao rei. Uma outra doutrina que é cantada em homenagem ao Rei Sebastião simboliza o anseio daquela gente a auto estima que têm em si e em relação ao lugar onde vivem, onde aguardam a realização de um antigo sonho: a Cidade de Lençóis:

“Cidade de Lençóis É uma cidade muito bonita Cidade dos Lençóis É uma cidade muito bonita Tem vaso de guerra Tem caixa de guerra Ah, isso é feito Por obra da natureza.” (Cidade de Lençóis)⁶⁴

O baixo espiritismo é uma das formas de possibilitar a existência do mito, eles intensificam o crer cotidiano, o investimento de cada um na crença sebastianista. Os terreiros, as doutrinas, as toadas, o bumba-meu-boi e outros, onde neles o rei ganha vida, permanece aguçando sonhos e esperanças. Nestes espaços, os males são curados e pelo menos temporariamente estarão cientes de que há uma força que os protege ao mesmo tempo em que se projeta um futuro melhor, sem males para a humanidade.

⁶³ Idem

⁶⁴ Registros Sonoros do Maranhão

A vinculação da Lenda ao baixo-espiritismo é muito forte. É a crença em entidades que tem o poder de intervir no mundo terreno de forma que a população local tem o maior respeito e veneração quando se fala do sobrenatural. “Isso é coisa deles, eu nunca vi mas, se eles acreditam é porque existe, é porque alguma aconteceu com eles e aquelas forças”

“(…) a crença no sobrenatural, supersticiosa, encontra-se impregnada, não só na vida cotidiana das pessoas, mas na sua própria história, influenciando em comportamentos e determinando suas atitudes.”⁶⁵

A Lenda do Rei Sebastião permanece viva na alma da população, seja pela tradição oral, pelos tambores de mina, seja pelas canções que se cantam num louvor e evocação ao rei encantado que traz medos, desejos, sonhos e expectativas. Essas músicas se desenvolveram num ambiente isolado, distante do mundo ordinário, do mundo da ‘razão’, numa atmosfera própria que lhe dá singularidade. É isto que assegura a presença da lenda no presente.

Além dos terreiros de mina, a lenda tem sido vinculada ao ritual da pajelança. Um ritual que é celebrado por muitos daqueles que acreditam na Lenda de Dom Sebastião. Vindo desde os ancestrais mais antigos dos indígenas da região e que com todos os seus mistérios, conseguiram manter seus rituais antigos através da incorporação do personagem Dom Sebastião. Nas suas sessões, os pajés celebram os encantamentos da ilha de Lençóis. O ritual começa, com o pajé puxando longas baforadas e excitado pela erva poderosa, a maconha, entra em contato com o outro mundo, invoca o Rei D. Sebastião e outros guias do seu reino encantado. Nessa prática, do chamado baixo-espiritismo, há uma mistura de macumbas e pajelanças e reverência a mitos de origem africana e aborígene, é um espaço onde culturas diferentes se confluem, se modificam mas se mantêm no tempo e na história. O senhor Manoel Goulart nos falou de uma cantiga conhecida que é cantada pelos pajés durante os rituais:

⁶⁵ LIMA, Tânia. Pp. 13

*“Cavaleiro do Lençol
Que cavalga sob o mar
Vem para cá
Vem nos abençoar”⁶⁶*

Os pajés são de Cururupu, não de Lençóis, o que demonstra que a crença não só tem força junto à população local mas, junto à população do continente. Lá é o mundo distante, é o mundo sagrado onde todos pelo menos uma vez na vida querem ver, sentir, tocar. É uma história a mais que vai ser construída, que vai ser contada, todos que lá vão têm algo novo a dizer do que viram ou do que sentiram. Lençóis é um espaço onde emoções são introjetadas, onde experiências são vivenciadas. Como afirma o senhor Manoel Goulart, os pajés dão significado a isso através da sua crença muito forte no Rei Sebastião. Ele é o centro de todas as narrativas, todos falam muito nele, embora também haja espaço para a Princesa Rosa e outras divindades que vivem em Lençóis ou nas áreas vizinhas.

Perguntado sobre a diferença entre mineiro e pajé obtemos que o mineiro é composto por três tambores e brincam fazendo roda, em pura concentração. Vem um espírito e incorpora: a Princesa Rosa, a Princesa Laura e o Rei Sebastião. A incorporação não se dá numa conversa formal. É só o tempo suficiente para curar e este é muito rápido. Já o pajé começa o ritual vestido a caráter com a sua ‘calamancha’ e brincando com o maracá, a cuia (cujuba) e tem na mão um maço de penas de arara vermelha. Preparam uns cigarros grandes, os longos tauari de onde tiram grossas baforadas. Sentam na rede e vão recebendo o espírito de Dom Sebastião e outros guias de seu reino encantado. Quem nos relata bem essa cerimônia é José Silvestre Fernandes, um dos primeiros a pesquisar sobre a Ilha de Lençóis na década de 40, descrevendo os rituais da pajelança quando feita numa roda por um grupo de crentes que celebram os encantos da ilha e cantam:

*“Boi turino, boi turino,
Boi turino maitá
Tu cavava as areia
No fundo do má*

*Vem meu turino encantado
No fundo do má*

⁶⁶ Entrevista ao senhor Manoel Goulart em 06 de janeiro de 2000.

*Deixa as águas, turino,
Vem na areia brincar.*

*Cavalo marinho
Das ondas do mar
Toca boi turino
Faz ele chegar.*

*Pá pá pá; pá pá pá;
Caruana, caruana...
Pá pá pá; pá pá pá
Vai chegar o rei do fundo..."⁶⁷*

Depois de dada algumas volta mais, ouve-se o maracá suavemente como numa longínqua prece, chamando os gênios. Eles estão a caminho, se aproximam, o pajé sente isso. O movimento acelera-se e o som estridente ressoa por toda a sala. Momentos depois, o pajé retira-se e vai ao terreiro, onde continua a vibrar intensamente o maraca até que ele vai sentindo algo muito forte. Estão chegando os invocados que ao recebê-los, ele de volta à sala, está na hora de realizar a cura, é preciso cantar mais.

*"Venho de longe:
Venho do meio do mã
Quando eu chego no salão,
Tá na hora de curá*

*Derruba o boi...
Derruba o boi...
Derruba o boi que eu sou vaqueiro...
Derruba o boi buá..."⁶⁸*

Depois que é feito o trabalho de cura, o pajé recebe os outros espíritos que vêm do fundo e canta a doutrina que é entoada tanto pelos pajés como pelos pais-de-santo

*"Sou o rei Sebastião
sou o rei Sebastião,
Se desencanta Lençóis
Vai ao fundo o Maranhão..."⁶⁹*

⁶⁷ Registros Sonoros do Maranhão

⁶⁸ Vagalume. Pp. 05

⁶⁹ Registros Sonoros do Maranhão.

Lençóis. Lugar de belezas e mistérios e da Lenda incessantemente reconstruída por seu povo, pelo povo do Maranhão. Reconstruída a partir dos mistérios da vida e do tempo, das vozes que vêm dos universos paralelos, do brilho da magia e da fantasia. Do crer investido cotidianamente em espaços múltiplos.

Assim, os rituais acima discutidos ganham também espaço nas festas populares, principalmente o touro, que é um símbolo forte na cultura da baixada maranhense. É em comemoração a ele que se tem a única festa cívica do município de Cururupu quando da comemoração da festa do padroeiro da cidade, São Benedito, no dia 24 de junho. Esta data é feriado e é comemorada por todos, tanto na zona urbana, como na zona rural. É um momento em que várias atrações se apresentam como ladainhas, procissões e arraiais e também vários grupos folclóricos e aí se destaca o bumba-meu-boi: seguido de “pastores”, “reis”, “tambor-de-crioula” e “Caixa do Divino Espírito Santo”. Os participantes do Bumba-meu-boi vestem roupas coloridas e bem decoradas com inúmeras fitas bordadas. Eles saem à noite, geralmente às 22 horas e ficam brincando até o amanhecer. Dançam e cantam toadas, ao som de maracás, chocalhos, tambores, pandeiros etc.

Segundo Edmundo Silva(1986), o tambor da crioula esta ligado a seita africana do Divino Espírito Santo, sendo esta seita de caráter profano-religioso. O primeiro e um marco dos festejos de São Benedito. De acordo com a tradição, originou-se pela predileção do jovem negro africano, mais tarde “São Benedito”, pelo batuque de tambor por ele inventado para sua diversão e para seus companheiros de infortúnio. O tambor da crioula é realizado durante a semana de festejo do santo. As mulheres, em sua maioria negras dançam ao som de estranho batuque com ritmos característicos produzidos em diversos tambores com as mãos, e pelos homens que cantam as toadas. Nesse momento, a cachaça é bastante consumida por todos que participam. Quanto a Caixa do Divino Espírito Santo, é pagamento de promessas. A dança varia de 9 a 13 noites, prolongadas até altas horas. O tocar da caixa é uma imitação do farfalhar das asas do Divino Espírito Santo quando de sua vinda à terra.⁷⁰

São nestes espaços, nas reelaborações dessas tradições que se abre espaço para a Lenda de Sebastião. É o espaço da tradição que incorpora a Lenda as manifestações

⁷⁰ VAGALUME, pp. 14

culturais locais. O canto é um ritual que dá vida ao rei, que ameniza as angústias. O desencanto é a possibilidade de que o monarca com sua magnificência traga riquezas, traga felicidade para aquela população praiana submetida à extrema miséria e que sonha no cotidiano com a possibilidade de uma melhoria de vida, material e espiritualmente. Mas a grande recorrência é aos problemas materiais revelando as condições em que eles vivem:

*“Sebastião tem tesouro
Na sua mina de ouro
Ele pode, ele manda
Amansá seu touro”⁷¹*

E, enquanto o desencanto não se desfaz, os barqueiros e pescadores das redondezas, ao passarem ao largo das praias da Ilha de Lençóis, por força de pura convicção, continuam a ver os velhos sobrados coloniais, com fidalgos nos balcões e ouvindo os cantares nostálgicos das açafatas do reino nas noites de lua cheia.⁷²

Em Lençóis, o touro representa a oposição entre a vida e a morte. O Rei Sebastião aparece em forma de touro e para que haja o desencanto é preciso que ele seja sacrificado.

Naquela noite de lua cheia, o mar parecia estar calmo. A brisa suavemente movia as areias brancas de Lençóis. Passa horas e horas nessa mesma melodia, uma ambientação gostosa para quem de lá se aproximasse. A noite vai passando e ninguém chega para compartilhar com a natureza aquele momento de intensa harmonia. A lua já está se aproximando do zênite. Ao longe por cima da duna do meio vai aparecendo um vulto. Parece ser uma figura humana e vai se aproximando do lugar onde há o encontro das águas do mar com a ilha. O massarico está cantando. Escuta-se o grito do maguari. Então umas aiti (gaivotas) em bando passam por ali. Vem correndo uma atrás da outra. Ai pára uma nuvem. Tudo começa a mudar. O mar já não é mais o mesmo, está mais agitado. Suas três linhas de onda, a primeira de uma, a segunda de duas e a terceira de três e de repente uma sozinha cresce, quando quebra, emerge das escuras águas do oceano um touro que ao pisar em solo arenoso começa chispar fogo de suas narinas e a escavar as areias de Lençóis demarcando ali seu território. Nesse momento

⁷¹ Vagalume, pp. 16

⁷² BRAGA, Pedro. Pp. 20

touro e homem se encontram. Ambos se olham, o touro é assustador mas o homem não tem medo, está ciente de que é o seu destino. O touro ferozmente vai na sua direção dando-lhe uma chifrada, o homem pula em cima do cangote e o espeta com seu punhal. Quando o touro se remexe, ele segura de novo e com a força de todos os seus pensamentos, o touro sangra. Segundos depois do touro dar seus últimos mugidos uma luz muito forte começa a aparecer de sua testa. E vai aumentando, aumentando. Acorda toda a população de Lençóis que saem de suas casas para verem aquela luz que vem da área mais distante e isolada da ilha. Enquanto isso, o homem está lá, estático, sem piscar, sem mover um dedo a olhar aquela luz encandecente que já está chegando a seus pés. A população branca como aquela luz vem em romaria cantando doutrinas de viva ao esperado. Quando chegam lá, fazem um grande círculo. A terra começa a tremer e do meio daquela luz, aparece o Rei Dom Sebastião e toda a sua corte. Ao longe se houve um grande barulho, é São Luís indo abaixo. Enquanto isso Dom Sebastião segue caminhando em direção ao povoado de Lençóis junto com todos os seus seguidores. Felizes, fortes e rejuvenescidos. Seu povo esperou e agora terá suas promessas cumpridas: o fim das misérias e atribulações. Finalmente, descobriu-se o Encoberto!

CONCLUSÕES

Ao concluirmos este trabalho acreditamos que seria importante fazer algumas considerações. A Lenda do Rei Dom Sebastião de Lençóis tem suas relações com o mito português. Entre rupturas e continuidades ganhou uma certa especificidade em Lençóis. O cenário marcado pelas dunas, cercado pelo mar e habitado por um povo 'diferente', encantador que aguça a imaginação de multidões e que vive numa grande miséria. São os 'Filhos da Lua', suas origens um mistério. Suas vidas um desafio: sobre o tempo, sobre os homens, sobre a natureza, sobre a dor. E a crença em Dom Sebastião é o signo de uma vitória projetada.

Assim compartilhamos da ideia de que a crença não pode ser encarada como passividade e conformismo. É preciso romper com o paradigma da passividade que geralmente ronda as escritas históricas sobre o mais 'fraco'. Ela se apresenta como uma de mostrar as angústias, os desejos de um povo que sonha e canta. A crença é um lugar de intervenção no social, que pode assumir feições de resistência, de contraposição tão válidos e históricos como qualquer movimento social

Trabalhamos com histórias de vidas singulares através da coleta de depoimentos. A comunidade de Lençóis vivencia a espera do rei Sebastião que se desencantará a partir do touro que sairá das profundezas do imenso oceano e sera morto por um homem muito corajoso. A lenda se reveste de todo um valor simbólico que ganha força no cotidiano. Ela é cotidianamente reatualizada através de vários espaços: as histórias que se constam e as manifestações do baixo-espiritismo como os terreiros e as pajelanças.

Acreditamos que muitas outras questões poderiam ser exploradas neste trabalho mas, por muitos fatores não nos foi possível desenvolvê-las. Entre elas, temos o prazo limitado de tempo e própria complexidade das questões levantadas. Neste sentido, que este primeiro exercício foi válido pois, nos servirá de base já que daremos continuidade no mestrado

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Rubem. O Que é Cultura. 10ª edição. Coleção Primeiros Passos. Brasiliense São Paulo, 1986.
- AZEVEDO, J. L. A Evolução do Sebastianismo. 2ª ed. Lisboa: Liv. Clássica Editora, 1947.
- BORRALHO, Tácito. Viva El Rei Dom Sebastião!. São Luís, 1995. (mimeo)
- CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano. Editora Vozes. Petrópolis, 1994
- FERNANDES, José Silvestre. A Ilha dos Lençóis. Revista da Academia Maranhense de Letras. São Luís, p. 31-36, 1948.
- MORAIS, J. O Rei Touro e outras lendas maranhenses. São Luís: SIOGE, 1980
- PESSOA, Fernando. Mensagens.
- QUEIROZ, Maria Isaura P. de. O messianismo no Brasil e no mundo. 2ª ed. São Paulo Alfa Ômega, 1976.
- SANTOS, Pedro Braga dos. O Sebastianismo no Maranhão. In: A Ilha Afortunada: arquitetura, literatura e antropologia. São Luís: SIOGE, 1986.
- SANTOS, Waldemar. Os Filhos da Lua na Ilha dos Lençóis. Vagalume (suplemento cultural). Jan./ fev. São Luís: SIOGE, 1989.
- SANTOS, Tania Lima dos. Do Mito Sebastianista a Lenda de D. Sebastião no Maranhão. São José do Rio Preto, 1999, (mimeo).
- SILVA, Edmundo. Um Éden em Cururupu. São Luís: SIOGE, 1986

VIDEOGRAFIA E MUSICOGRAFIA

Documentários

- A Lenda do Rei Sebastião** – Produção de Roberto Machado Jr. FUNARTE, São Paulo, 1979
- Os Filhos da Lua** – TV Mirante – MA, São Luís, 1998

Disco Compacto

A Lenda do Rei Sebastião – Registros Sonoros do Maranhão Produção de Roberto Machado Jr e Paulo Baiano, RJ, 1999

JORNAIS

O Estado do Maranhão

Jornal Pequeno

ENTREVISTA

Senhor Manoel Goulart. Cururupu-MA, 06 de janeiro de 2000